

A black and white photograph of a man from the chest up, smiling and looking upwards while holding a vintage telephone receiver to his ear. He is shirtless, and his arm is extended towards the phone. The background is a plain wall with a door hinge visible.

Buceta

[uma novela cor-de-rosa]

Luiz Biajoni



Buceta

[uma novela cor-de-rosa]

Luiz Biajoni

[www.osvira](http://www.osvira.com.br)  lata.com.br

edição e-book, março de 2010

texto

Luiz Biajoni
www.verbeat.org/blogs/biajoni/
biajoni@gmail.com

Copyright © Luiz Biajoni, 2009
Depósito Legal na
Fundação Biblioteca Nacional - RJ

Reproduzir esta obra – no todo ou em parte –
só é permitido com a autorização do autor.

produção,
edição e
distribuição

www.osviralata.com.br

Literatura independente na Internet

É: o título chama logo a atenção.

O Bia tem jeito para isso. Talvez jeito não seja bem a palavra. É falta de vergonha na cara, mesmo. Tasca esses títulos, Sexo Anal – seu primeiro –, agora Buceta, sabe que vai arrancar um sorriso capcioso do leitor logo assim, na capa. Mesmo que não o convença da compra, vai fazê-lo piscar. Cogitar.

Não sou eu quem vai lhe estragar a surpresa, leitor. Mas a buceta do título não é exatamente aquela. Quer dizer: é. Mas não é exatamente.

Esse é um mérito do Bia. Como nos melhores romances policiais, nada é nunca exatamente o que parece ser. Mas há mais do que isso. Depois de algumas páginas, o cenário começa a se destacar. Leitor, prepare-se para mergulhar nesse mundo promíscuo, clínico, corrupto, às vezes nojento mas também incrivelmente ingênuo que é o do Brasil do interior. Não o Brasil rural: mas

o Brasil das médias cidades, aquelas em que todos se conhecem de vista.

Ou, ao menos, imaginam se conhecer.

O Bia conhece esse Brasil no qual vivem a maioria dos brasileiros, segundo o IBGE. Sente-lhe a pulsação. Conhece suas manhas. Somos, todos, um pouco personagens do Bia. E por mais abjetos que sejam eles todos, os personagens, no fundo, no fundo, dá uma vontade de perdoar-lhes quase todos por seus pecadilhos.

Quase todos.

O Bia é um otimista. Se ele estiver certo, de perto não somos lá muito bonitos. Mas temos salvação.

Não há escritor no Brasil de hoje que descreva este lado do país como Luiz Biajoni.

Pedro Doria



Prólogo	3
Os três dias de inferno na cidade	9
Epílogo	152

“O amor desculpa tudo
ou não desculpa nada.”

Balzac

Prólogo

– Gato, eu vou operar.

– ...

– É, eu já decidi! Vou operar.

Ele tinha acabado de gozar, os dois corpos estendiam-se lânguidos pela cama redonda. O motel era caro e o vinho estava pela metade – assim como as duas taças. Olhou para o espelho no teto e suspirou. Virou-se suave.

– Eu te amo.

– Eu também.

Os dois sorriram com olhos cheios d'água. Eles se amavam e sabiam. E tudo ia ficar bem. As coisas sairiam como planejadas. Ia ser um pouco desconfortável para todos no início: comunicar as famílias, lidar com os filhos, agüentar os comentários dos amigos e os fuxicos no trabalho... Mas valia a pena; eles sabiam.

– Eu te amo mais que tudo e cada momento do seu lado é como se meu coração ficasse mais vermelho e batesse mais alegre, mais cheio de vida!

Ele corou. Nunca ninguém tinha falado assim com ele.

Os três dias de inferno na cidade

Tiago acordou a esposa passando a mão pelas costas dela e chamando baixinho no ouvido. Ela se mexeu e expirou, exalando o hálito matutino de quem tinha bebido várias doses na noite anterior. Abriu os olhos como quem ainda tivesse muito sono pela frente. Ele foi para o closet que dava acesso ao banheiro da suíte, fechou a porta e saiu de lá alguns poucos minutos depois vestindo uma bermuda cáqui, uma camisa florida e mocassim marrom sem meias. Destoava de um clássico turista americano apenas pelo gel nos longos cabelos amarelos. Cristina, que já estava de pé, sorriu de leve, a cara inchada, e entrou no banheiro balançando as banhas e os peitos murchos sob o baby-doll. Ele apanhou, em silêncio, as malas que estavam ao pé da cama, foi até a cozinha, depositou-as no chão, encheu e ligou a cafeteira. Pegou as chaves sobre a mesa e acionou o elevador. Olhou pela janela panorâmica da cobertura e viu a cidade toda lá embaixo, acordando naquele domingo. O sol havia acabado de nascer. Pegou as malas e desceu com o elevador.

Nenhum pensamento lhe ocorria enquanto carregava a caminhonete com as malas. Quando voltou, a cobertura toda cheirava a café. A mulher saía do banheiro vestida frugalmente, com um conjunto cor-de-rosa jovial demais para seus quarenta-e-tantos.

– Toma uma xícara de café, acabei de fazer. Vou levar a Marcinha, não precisamos acordá-la...

Cristina concordou com a cabeça, eles procuravam não falar alto ou fazer barulhos para não despertar a filha de seis anos.

Como se tivesse esquecido algo, Tiago voltou à suíte e se pôs a abrir e fechar gavetas. Ele não procurava nada, apenas dava tempo para a mulher tomar o café sem precisar partilhar de sua companhia. Cerca de dez minutos depois foi até o quarto da filha e a tomou nos braços com cuidado.

Quando chegou à cozinha novamente Cristina já tinha tomado algumas revigorantes xícaras e chamado o elevador. Era um belo dia de primavera, estava quente e fresco, e a viagem se anunciava agradável.

Desceram. Com cuidado, ele colocou a menina no banco de trás. Puxou um cinto e a prendeu. Ela se mexeu um pouco, mas logo se acomodou, permanecendo no sono. Partiram – e logo estavam entrando na rodovia interestadual.

A viagem tinha sido programada há cerca de dois meses. A idéia dele era passar dez dias em companhia da mulher e da filha e então, depois, na volta, comunicar Cristina sobre sua decisão de separação. Marcinha

iria sentir muito, Cristina ia fazer-lhe mil perguntas, o céu desabaria. Mas a decisão estava tomada. Um apartamento para sua nova vida já havia sido alugado e mobiliado. Esses dez dias seriam uma espécie de despedida. Seriam as lembranças que Marcinha guardaria, na memória, da infância feliz compartilhada com os pais.

Eles estavam em silêncio dentro do automóvel, para não atrapalhar o sono da filha. Tiago olhou e percebeu que as mãos da mulher tremiam. Ela estava bebendo demais, sempre. Todos os dias. Começava por volta das cinco da tarde e bebia até meia-noite, um pouco mais. Dormia até onze ou meio-dia, comia alguma coisa, saía resolver algumas coisas no banco ou fazia algumas compras, voltava para casa e... bebia. Sentiu-se um pouco culpado pelo alcoolismo da mulher: foi ele quem começou a incentivá-la a beber. Quando bebia simplesmente desmaiava na cama e não queria sexo. Ele também não queria sexo. Não com ela. E a bebida acabou ajudando-o a se afastar sexualmente dela.

Na noite anterior eles haviam saído com amigos, foram a uma pizzaria. Cristina tomou algumas em casa, antes de sair. Foram vários chopes com a pizza. Quando voltaram para o apartamento, ele já com Marcinha dormindo nos braços, ela preparou nova dose de uísque. Ele colocou a menina para dormir, botou pijama e foi escovar os dentes. Quando saiu do banheiro, a mulher já estava estirada na cama. Ele achou bom, pôde terminar de arrumar as malas.

Escolheu viajar no domingo por conta do pouco

trânsito – e assim estava a estrada, totalmente vazia. Não eram oito da manhã ainda, eles rodavam já há cerca de uma hora, quando aconteceu.

Estavam em uma descida íngreme. A caminhonete não dava ares de estar a cerca de 150 quilômetros por hora. Os vidros fechados, o controle de temperatura marcando 22 graus. Ele olhou no retrovisor e não vinha ninguém lá atrás. Ninguém também à frente. Viu de novo as mãos trêmulas de Cristina sobre as pernas e ouviu Marcinha resmungar de leve. Tudo seguia seu rumo.

Mas a impressão durou um instante. Um estalo que quase não foi ouvido por ele ou pela mulher tirou a caminhonete da linha reta. Naquela velocidade, a roda entortou e o veículo foi para os ares. Rodopiou uma, duas, três vezes, batendo no chão violentamente, sacudindo os passageiros todos lá dentro. Airbags encheram, a buzina disparou e a caminhonete foi deslizando com a capota para baixo por uns vinte metros. Quando parou, fumaça e silêncio total. Dentro, três corpos. Três mortos. Três destinos selados e nenhum plano mais a ser executado.

...

A redação estava mais agitada que o normal para uma segunda feira. Beto percebeu assim que entrou. Seus mais de vinte anos como dono do jornal supriam com sensibilidade e intuição o que lhe faltava de inteligência e formação. Ele virou o pescoço em todas as direções cumprimentando os funcionários que avistava. Mas procurava por um específico. Seu

repórter policial que sempre vinha com novidades às segundas: Geraldo Assis.

Assis era alto e se destacava sempre na redação. Mas não estava por ali naquela manhã. Nem na sala envidraçada dos diagramadores. “Talvez esteja no banheiro”, pensou. E rumou para a sua sala envidraçada.

Ficou ali por instantes fingindo fazer alguma coisa, sempre olhando através do vidro à procura do funcionário. Mas nada. Pegou o telefone e discou o ramal da assistente setorista de polícia, Valéria.

– Oi Beto. Tá todo mundo estranhando! O Assis ainda não apareceu! Eu liguei para a casa dele e a mulher disse que ele não está, que ficou o domingo todo no velório da família Zanco e ainda deve estar lá. O senhor está sabendo, né?

– Tô.

– Então... Ela disse que ele ficou lá o dia todo, foi para casa, tomou banho e disse que ia voltar para o velório. Eles serão enterrados hoje, às onze da manhã.

– Puta que pariu!

– Eles eram muito amigos...

– Mas ele tem compromisso comigo, com o jornal! Pega uma viatura e vai lá no velório atrás dele. Fala para ele vir pra cá já!

– As viaturas já saíram todas, Beto...

– Pega a chave aqui e vai com o meu carro!

Um frio bateu na barriga de Valéria. Beto tinha um carro importado todo fresco e ela estava acostumada com o seu Fuscão Fafá!

...

Bem próximo do jornal, na parte baixa e velha do centro da cidade, numa casa com batentes podres, cheirando a cigarro e esmalte, pessoas conversavam.

– O enterro vai ser às onze. Eu vou!

– Não vai não!

– Deixa ela ir, Marta. Ela era amiga do Tiago, ninguém vai reparar.

– Eu mando aqui e digo que não vai ninguém! Se você quiser ir, as outras também vão querer.

– Eu também era amiga dele. Se a Janice for eu também vou!

– ...

– Eu mando nessa casa e dou as ordens aqui! Já falei que não vai ninguém.

O choro era generalizado. Umas choravam pela morte do amigo, outras pela dor de Janice por não poder ir, outras pela própria discussão em si que abalava a tranquilidade da manhã de segunda-feira. Aquela agitação mexia com os nervos de todos.

– Marta, você pode mandar em tudo... Eu te considero uma mãe! Mas você não tem o direito de me privar de dar um último adeus ao meu amigo!

– Dê o seu último adeus aqui mesmo! Já acendemos velas, já rezamos por ele e pela filha linda dele... Não tem necessidade de ir até lá!

– ...

– O Tiago era da alta sociedade, sabemos que todos

os figurões da cidade estão lá... Não vamos fazer uma excursão para dar as caras nesse velório... Já disse que não vai ninguém!

– Você... é... uma... insensível!

Marta cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar. As lágrimas derretiam a maquiagem pesada que ela demorou muito tempo para montar, logo nos primeiros minutos da manhã. Todas ficaram mais apreensivas.

– Eu queria... eu queria...

Soluçavam muito, a Marta e a Janice.

– Queria mesmo, do fundo do meu coração, que pudéssemos ir todas... Todas! Dar nosso abraço final ao nosso amigo...

Estava muito dramática, quase teatral, a Marta.

– Se a gente fosse... pessoas normais... Mas todo mundo aqui sabe que a sociedade não nos aceita! Ir até lá é... é... trair tudo o que o nosso amigo mais adorava...

O silêncio era geral.

– Ele era discreto e gostava que as coisas fossem assim... A família dele vai estar lá, a família da mulher... Não podemos aparecer assim do nada, um bando de... de... extraterrestres nesse enterro!

Janice jogou-se num sofá, quase desfalecida. Doeulhe ser chamada de extraterrestre. Odiou um pouco sua condição, mas lembrou também da luta de Tiago... A luta que ele vinha travando consigo mesmo já há uns dois anos. Elas eram testemunhas. E era verdade:

aparecer no velório, no enterro, era uma espécie de traição.

A palavra extraterrestre fez com que todos se resinassem. Saíram pelas portas, procurando quartos. Mais uma vela foi acesa. Marta sentou no sofá ao lado de Janice e descansou sua cabeça no ombro da pupila. Existia uma saudade perene de Tiago.

...

Valéria parou o importado hidramático de Beto a quatro quarteirões do velório, na única vaga que achou onde podia estacionar sem riscos.

Não estava vestida com dignidade para um velório, mas não se importou. Sacou os óculos escuros da bolsa e foi caminhando pela calçada, observando nas proximidades a quantidade absurda de gente naquela encomenda tripla, pai-mãe-filha. “Será que no meu velório vai ter tanta gente assim?”.

Toda alta sociedade estava lá. Muitos acordaram cedo para dar o último adeus à tradicional família. Alguns colunistas sociais disparavam flashes, ora veja! Valéria entrou no recinto com ar grave, teve que tirar os óculos para tentar encontrar Assis. Muita gente conversava aqui e ali em panelinhas. Lá no canto esquerdo uma família velava um qualquer sem projeção, contava-se nos dedos quantos choravam por ele.

A carpidação era bem maior no entorno dos três caixões dos Zanco. Na ponta esquerda estava o esquife branco de Marcinha, lacrado, como o da mãe, do lado

direito. No meio, Tiago, com a tampa aberta. Ele havia sido bem arrumado, estava bonito, com o rosto intacto, um pouco inchado talvez, mas bem maquiado, como um belo boneco de cera. O corpo coberto por crisântemos brancos e, por baixo, muito provavelmente, pouco sobrava de ossos e carnes sob o terno bem costurado. As famílias dos dois lados escorriam-se em lágrimas que, percebia-se, duravam já muitas horas. Valéria girou o pescoço enquanto se aproximava, mas não encontrou Assis ali. Viu que algumas pessoas olhavam com curiosidade para ela, mas fingiu ser apenas uma curiosa – e era o que ela era, no fim.

Aquele barulho silencioso de últimos instantes foi interrompido pelo som de um pisar forte, de homem grande e desolado, que Valéria ouviu atrás de si. Virou-se. Era ele. A face estava transtornada. Os olhos inchados, as bochechas deformadas de tanto choro. Ele veio e a abraçou – e iniciou novo choro convulsivo. Valéria, pequena, não mais que um e sessenta, sentiu-se quase engolida pelo abraço. Ele despejou seu peso sobre ela.

– Ele morreu, Valéria... Tiago... morreu!

Como se ela não soubesse!

– Justo agora, Valéria... Justo agora que ele ia fazer aquilo que sempre quis... justo agora!

O ar de indignação de Assis impressionou a moça. Ela estava pronta para dizer que o Beto estava puto com ele, que eles deviam partir naquele momento para a redação, que tinha muito a ser feito, que era segunda-feira... Segunda-feira! Ai, meu Deus, quanta coisa a se fazer!

Ela foi retirando ele dali suavemente, levando-o para fora do recinto como quem conduz um cão doente pelo couro de nuca...

Procurou uma sombra, longe dos olhares de quem fumava e contava anedotas por ali e voltou a abraçá-lo. Ele chorava.

– O quê... o quê ele ia fazer?

– ...

– O quê ele ia fazer? O quê Tiago ia fazer? O quê ele ia fazer que sempre quis...?

– ...

Assis respirou fundo no ombro da amiga e foi-se levantando devagar, deixando um pouco de saliva na blusa de musseline dela. Os olhos vermelhos encontraram os óculos espelhados que haviam voltado para o rosto da jornalista. Ele olhou nos óculos e viu a si mesmo momentaneamente, desfigurado. Cerrou as pálpebras.

– Ele... ele ia fazer! Estava tudo pronto! Ele ia fazer isso, ele queria fazer isso há muito tempo! Ele pensou muito, planejou tudo... Já estava tudo certo, Valéria! Ele já tinha até mesmo pago por isso!

– ...

– E quando ele decide fazer... quando ele acha que realmente está pronto para fazer... acontece isso!

– ...

– É muita injustiça!

– Mas... mas o quê...?

– Ele morrer! Não é justo ele morrer bem agora!

O repórter grandalhão estava descontrolado. A última frase foi dita um tom acima e algumas pessoas que estavam ali, a cinco ou seis metros, olharam. Valéria deu com a mão para elas.

– Assis... controle-se... Diz aqui para mim... o quê ele ia fazer justamente agora... antes de morrer?

– Você não entende... você não entende a importância de uma decisão como essa!

– Assis...

E dessa vez foi o instinto jornalístico de Valéria que prevaleceu; ela queria mesmo saber o que Tiago ia fazer de tão importante, de tão planejado, de tão incrível para que o colega estivesse assim tão inconformado.

– ...diga aqui para mim, Assis... o quê Tiago ia fazer de tão importante...?

Ele voltou a se erguer do ombro da amiga. Olhou fixo para as lentes escuras, e contou:

– Ele ia fazer uma operação de mudança de sexo!

...

Janice e Marta no sofá conversaram sobre ir visitar o túmulo tão logo o enterro tivesse acabado. “Vamos lá pelas duas da tarde, Janice”. A outra disse que tudo bem.

Demorou um pouco, mas Janice concordou com Marta que não dava para um bando de travestis aparecerem no enterro de tal figurão da sociedade. Tiago sempre primou pela discrição: travecas num velório só não chamam mais a atenção do que um milagre de ressurreição!

Janice riu da comparação-piada da mentora e depois caiu novamente em melancolia. Lembrou de Tiago, da primeira vez que ele estivera ali. Foi há cerca de três anos, Janice estava começando na vida, tinha dezenove anos. Ele era um pai para ela – ou uma mãe, como gostava de dizer. Se Marta a ensinara sobre as coisas práticas da profissão, Tiago era o contraponto da poesia, da beleza, da maravilha de ser toda feminina num corpo de homem.

Sim, ele era muito sensível, muito poético. E por ser também uma mulher em corpo de homem é claro que ele e Janice nunca tiveram relações. Talvez fosse até mais honesto – e soaria menos autoritário – dizer que ele era a irmã mais velha de Janice.

Uma irmã presente, prestativa e conselheira.

Janice era também a responsável por comprar as peças íntimas e intermediar encontros para Tiago. Ela riu ao se lembrar. Como Tiago não se sentia confortável indo até as lojas para comprar calcinhas, por exemplo. Olhava as vitrines, anotava e dava o dinheiro para a amiga. Ela ia no outro dia, e comprava. No final da tarde, ao deixar a empresa, ele ia até o “Reduto da Marta” e subia para o quarto de Janice. Vestia roupas de mulher, ela o pintava bem bonito... Depois ficavam ouvindo um pouco de música e falando sobre homens bonitos. Eles tinham uma discordância sobre Brad Pitt. Janice gostava tanto do ator hollywoodiano que um dia roubou um pôster que outra menina, a Tata, tinha no quarto. Deu

um fuzuê dos diabos. Tiago não via nada no moço: era pequenininho, com cara de enjoado!

Numa noite apareceu no Reduto um cara parecido com o ator. As meninas ficaram em polvorosa. Tiago estava no quarto, nunca saía de lá, era Janice quem geralmente descia e arrumava um rapaz pra ele. Sempre um que não fosse da sociedade, um que parecesse um trabalhador braçal, alguém de uma empreiteira qualquer. Era desses que Tiago gostava. Alguém cheirando a homem, dizia. Nessa vez Janice subiu e comentou com o amigo.

– Tem um cara aí que é a cara do Brad...

– ...

– As meninas estão loucas! Ele é da cidade, mas nunca esteve aqui!

Tiago ficou curioso, saiu do quarto, desceu alguns degraus para ver o menino. Sim, parecia mesmo o ator. Mas não era para ele: o falso Brad era filho de um amigo, um poderoso industriário local.

– Esse tem dinheiro, Janice! Dá pra ele e depois me conta!

Ele também gostava disso, de ouvir!

Na maioria das noites, ficava ali mesmo no quarto, vestido de mulher, ouvindo música, enquanto as meninas faziam programas nos quartos ao lado. Gostava de ouvir.

“Ele gostava de ouvir”. Janice suspirou, lembrando do “coroa”. Às vezes ela o chamava assim: “coroa”. Ele gostava, pois era uma “palavra bissexual”, dizia.

Numa noite, Janice recordava com Marta, entrou um negro suado e forte, cheirando a cachaça. As meninas se afastaram, mas ele parecia ter algum dinheiro. Marta ficou conversando um pouco com o preto.

– Você quer um cu gostoso? Tem várias meninas aqui...

– É... eu comeria muito bem um cu. Mas eu queria mesmo era uma buceta! Não tem puteiro de mulher nessa cidade fodida?

Marta e as meninas riram. Há muito as meninas “de verdade” tinham deixado a região central. Agora, só tinha “casas de bonecas” por ali. Se quisesse mulher de verdade tinha que sair para as rodovias onde estavam os puteiros, escondidos em chácaras. “Uma praga!”, dizia a Marta.

Mas o negrão ia dormir só naquele dia ali; estava num hotel perto do centro, sem carro... então seria mesmo um cu de homem naquela noite.

– Eu gosto de mulher mais velha, mais experiente.

– ...

– Aqui só tou vendo menininho novo metido a puta!

– ...

– Num tem traveco velho que gosta de chupar uma piroca preta não?

Foi quando Marta se lembrou de Tiago, que estava lá no quarto. É claro que ela mesma podia se candidatar, já que era velhoca e estava a um bom tempo sem dar. Mas ela gostava de meninos novos, iniciantes. O negócio dela era mesmo iniciar moleque.

Com aquele negão ia ser foda dura – mas se ele quisesse, é claro que ela ia!

– Tem uma boneca aqui que é de porcelana...

– ...

– Ela é quarentona, safada, mas é quase virgem...

– ...

– É bonita que só!

– Upa!

– Nem desce aqui com as meninas porque gosta de privacidade...

– ...

– Está lá em cima... Quer dar uma olhada?

O negrão se animou. Foi Janice quem subiu para contar para Tiago.

– Preto, deve ser pauzudo, grande e tá meio bêbado. Vai encarar?

– Traz ele aqui, amor! Deixa ele com a titia!

Marta combinou um preço – que ficaria com ela mesma, Tiago não levava dinheiro do Reduto, muito pelo contrário: sempre deixava duzentos ou trezentos contos por noite – e subiu as escadas com o rapaz.

Abriu a porta devagar e o facho de luz do corredor invadiu o quarto iluminado só por um abajur lilás. Sentado na cama, Tiago exibia as pernas sob o roupão. A cara pintada com pancake branco e o cabelo louro preso numa tiara faziam com que parecesse mesmo uma bela mulher experiente, louca para arrebentar um homem em seu covil. Uma gueixa kamikase.

– Eu fico com ela!

A porta se fechou e duas horas se passaram. Quando o negro saiu, com um sorriso nos lábios, as meninas já estavam todas mortas de sono. Já batiam as três da manhã e era só uma quinta-feira de fim de mês.

Lá dentro, Tiago estava estirado na cama, nu, exibindo um fastio desavergonhado que não era normal.

– Esse preto me fez mulher, agora eu quero colocar uma buceta!

Foi quando tomou a decisão. “Foi há um ano!”, Janice suspirou de novo, ao se lembrar.

O rapaz negro nunca mais apareceu. Logo depois surgiu o grande amor. O grande amor de Tiago. Ele apareceu num fim de noite, já tinha vindo antes, já tinha comido várias meninas da casa. Sempre tinha ouvido dizer sobre aquela que ficava no quarto, incólume. Marta não deixava que ele se aproximasse dela: isso foi gerando uma curiosidade. Mas ele não podia subir, não seria um bom negócio para ninguém. Ele era repórter, também bastante conhecido na cidade, e apesar de Marta confiar muito nele, sabia que havia a possibilidade de dar com a língua nos dentes sobre o executivo da alta sociedade que se travestia num puteiro rasteiro na calada da noite.

Mas um dia, esse dia, Assis quis aquela que ficava escondida. Disse que pagava, Marta que fizesse o preço. Janice subiu e falou com Tiago sobre Assis. Disse que era casado, que gostava de um rabo, que era bom de foda, algo bruto, todas as garotas se interessavam por ele. Tiago quis experimentar. Estava

na fase em que tinha já cogitava pela separação, pela operação, e precisava de uma boa transa.

Nesse dia Assis subiu as escadas com o coração palpitante. Quando entrou no quarto e se olharam, naquele mágico momento, ambos souberam que estava ali, diante de cada um, o grande amor da vida deles!

...

– Assis... o Beto...

– Ah, Valéria, estou tão transtornado!...

– ...hoje é Segunda...

– Eu sei, eu sei... mas ele tem que compreender a minha dor...

Assis chupou fundo o nariz.

– Eu não me sinto em condição de escrever nada... Faz o seguinte: liga pro Rafa, Rafael Galvão, lá do primeiro DP...

– ...

– ...diz pra ele que eu tô aqui e que você quer saber sobre a ocorrência de sábado... Fala pra ele passar tudo pra você...

– ...

– É a matéria de capa de amanhã... Se precisar, me liga... Mas por favor...

– ...

– ...não me liga!

Ele deixou o abraço suave da pequenina e voltou para o velório. Logo mais estaria se despedindo definitivamente do seu grande e quase secreto amor.

Valéria voltou para a redação no carrão pensando sobre tudo aquilo. “Meu Deus, por que Assis estava tão abalado? O figurão ia mudar de sexo? Cruzeis!”. Pensou também que talvez aquela fosse uma oportunidade para fazer uma matéria de capa assinada, coisa que nunca havia acontecido. Males que vêm para o bem!

Ela tinha 24 anos. Os cabelos escorridos castanhos e os óculos redondos davam-lhe um ar hippie. Enquanto fez jornalismo estudou inglês, dança de salão e praticou natação. Não trabalhou, até se formar, há dois anos. Arrumou esse estágio de imediato, por influência do pai maçom. As coisas acontecem em cidades pequenas quando a pessoa tem algum tipo de ligação com a maçonaria.

Tinha muitas amigas, freqüentava a coluna social do jornal – cortesia do colunista Tony Evan, na verdade, Antônio Evandro -, pegava balada e micareta no sábado e piscina no clube aos domingos. Alguns a classificavam como “patricinha”, dessas metidas a “alternativas”. Mas era só uma garota liberal, classe média alta, interessada nas coisas, em música e cinema e que havia lido alguns livros.

Ela tinha a simpatia dos colegas, mas o chefe, o Beto, nunca se empolgara de verdade com a ela. Experiência, aguardava que ela o surpreendesse, qualquer dia. Talvez essa fosse a oportunidade.

– Beto, o Assis está muito, muito transtornado...

- Ele não vem?!
- Não... Mas fica tranqüilo...
- Ele fez cara de quem não estava.
- Teve uma ocorrência na madrugada de sábado para domingo e o Assis me deu o canal...
- Valéria...
- ...
- O carro forte do nosso jornal é a seção policial. Você precisa ir atrás... Ele disse o que aconteceu de importante?
- Bem, temos o acidente dos Zanco...
- Sim, sim... quero uma matéria detalhada sobre isso... Quero foto da família na capa, o casal com a filhinha...
- Ok.
- Foi falha mecânica?
- A perícia vai dizer, mas tudo indica que sim...
- E o que temos mais?
- Tem essa ocorrência... Não sei o que é, preciso ligar no primeiro DP falar com um cara chamado Rafael...
- Então vai, liga, já é quase meio-dia, meu Deus!
- Tá.
- Ela se virou, ia saindo pela porta de vidro...
- Valéria...
- ...
- Você já percebeu que não vai dar pra sair às cinco hoje, né?
- Claro, tudo bem...

– Preciso de você!

Ela abriu um sorriso e foi para sua mesa. Ligou para a DP.

– Oi Clarete.

– Oi Valéria!

Elas já se conheciam por conta das checagens diárias. Clarete era a telefonista e sempre passava informações para a repórter.

– Parece que aconteceu um lance aí de sábado para domingo... Tá sabendo de alguma coisa?

– Ah, sim, tá todo mundo falando nisso...

– O que é?

– Um desmanche...

“Um desmanche?”, que porcaria de matéria!

– E aí?

– Acharam sem querer... A ronda da guarda municipal andava pela zona rural e acabou encontrando uma trilha escondida... Que levou até esse desmanche...

– ...

– Tinha 58 automóveis!

– Nossa!

– Um negócio enorme, né?

– Legal!

– ...

– Podemos ir até lá para fazer fotos? Sabem de quem é?

– Aí é que está!

– ...

– Tinha uma salinha improvisada no local...
E encontraram uns papéis...

– ...

– Uns nomes... Números de telefone... Parece que tem alguém da alta envolvida...

Envolvida. Ela disse “envolvida”. Seria “a” alguém? Comumente diria “alguém da alta envolvido”. Valéria percebeu. Mas talvez fosse só um jeito de falar da Clarete que ela não tinha reparado antes. Ainda assim, emendou...

– Gente da alta envolvida! Ótimo!

– ...

– Mas como sabem que tem “gente da alta envolvida”?

Valéria não fez aspas com as mãos, estava ao telefone, mas deu a entender que o final da frase estava entre elas.

– No plantão de ontem estava aqui o Rafa, nosso escrivão. E ele viu a movimentação. Tão logo os guardas passaram a informação, choveram telefonemas de gente importante...

– ...

– E lá no local tem uns números escritos em uma mesa de madeira... Sabe essas mesas vagabundas de madeira onde a gente fica rabiscando?

Valéria não sabia, mas disse que sim.

– Então, dessas!

– ...

– Acharam uma mesa dessas com um monte de números de telefone anotados com Bic... Tinha uns desenhos, umas coisas pornográficas...

– ...

– Então estão achando que tem gente da alta envolvida.

– Ótimo, Clarete... O Assis pediu pra que eu falasse com o Rafa...

– Ele esteve aqui pela manhã falando com o delegado... Mas já foi embora...

– Dá o telefone dele.

– Eu dou, mas você não diz que fui eu!

– Ok.

Valéria ligou algumas vezes, mas nada de atender. Decidiu sair para comer um lanche. O tempo se esgotava, ela não sabia o que fazer. Começou a ficar preocupada. Pensou em ligar para Assis, mas seria uma prova de sua própria incompetência. E o repórter deveria estar sem condições para qualquer coisa já que havia virado a noite no velório.

...

Assis parou bem longe da casa, como sempre fazia. Deu uma volta, viu que ninguém observava e entrou. Tinha um cheiro de carne moída sendo preparada. Era Tata quem cozinhava.

Nenhuma das meninas por ali.

Ele e Tata se olharam nos olhos, todos os olhos inchados e vermelhos de choro. Abraçaram-se.

– Tudo bem, Assis... Fica calmo...

– ...

– Tá todo mundo muito abalado.

- Tata, não sei o que será da minha vida!
- ...
- ...
- Você tem que dar a volta por cima. Tem seu emprego, sua família...
- A gente ia ficar junto, Tata... você sabe...
- Eu sei... eu sei... Mas agora isso... isso... acabou!
- Assis deu um soluço forte, limpou os olhos com a costa da mão.
- Cadê Janice, as meninas?...
- Estão todas lá em cima, rezando. Quando o almoço estiver pronto eu vou chamar...

Ele se virou e subiu as escadas. Devagar, com o estômago embrulhado, abriu a porta do quarto onde Tiago costumava ficar, onde eles se conheceram, onde o romance começou. E pôde ver as meninas ajoelhadas ao redor da cama. Elas viraram as faces devagar e olharam para ele, que pôde ver um dos vestidos mais belos de Tiago esticado sobre a cama, no centro delas. Era como se ele estivesse deitado ali. No criado mudo, velas. Mais cheiro de velório, misturado ao cheiro do perfume de seu homem.

Janice levantou devagar e foi consolá-lo. Ficaram bons minutos em silêncio, ouvindo as outras prosseguirem com as orações do terço.

...

Finalmente, o fone foi atendido. Um barulho no fundo, música alta.

- Rafa?
- ãh?
- Rafael Galvão?
- É ele.

Ela notou um sotaque nortista.

- Aqui... aqui é Valéria...
- Péra que vou baixar o som.

Segundos depois, o silêncio se fez.

- Oi Valéria... O Assis falou que você ia me ligar...
- E então...
- As coisas estão enroladas...

– ...

- Posso ir com você até lá, fazer fotos e tal...

– Mas acho que não poderemos citar ninguém da cidade... Não posso dar nomes...

– ...

- Você sabe como é.

Bem, não adiantava discutir isso com ele. O correto era ir até lá, tentar ver alguns papéis, alguns números de telefone, juntar informações e trocar idéias com Beto.

- Ok, podemos ir já?
- Hoje é minha folga, tou enrolado aqui, arrumando uns livros e uns discos... você gosta de Beatles?
- ãhn?
- The Beatles.
- Ah. É... gosto! Gosto sim!
- Depois.
- Mas Rafael, essa matéria precisa entrar amanhã...

Preciso ir até o local agora, colher informações...

Pô, quebra esse galho! É rapidinho...

– Olha... É longe pacas!

– Então! Vamos já! Eu...

– ...

– Eu te dou um disco dos Beatles!

– Impossível... Eu tenho todos os discos dos Beatles.

E tirei o dia para arrumar tudo, colocar em ordem...

– Ai...

– Mas tudo bem... Eu te ajudo. O Assis falou que você é legal.

– Dá o teu endereço!

Ela anotou, sinalizou positivo para o Beto que parecia irritado na sala de vidro. Apanhou a viatura no pátio do jornal, falou para o porteiro, o Gustavo, onde ia – e foi.

...

Estavam todos à mesa, Marta fez o agradecimento pela refeição e começaram a comer. Assis estava numa ponta, olhar perdido, sem fome.

Tata caprichou no arroz, feijão, carne moída, farofa e banana frita. As meninas estavam famintas.

Marta comia devagar, olhando para a cara de Assis. Num momento, a face do repórter pareceu mudar. Algo lhe veio à mente. Ele piscou os olhos rápido, como para não deixar aquela idéia fugir. E virou lentamente os olhos para Marta, olhando-a fixamente.

– Marta, por acaso o Carlão Kurtz tem vindo aqui?

...

Ela interfonou para Rafael. Era um conjunto habitacional do governo, uns predinhos colados uns nos outros sem porteiros, apartamentos visivelmente pequenos e apertados.

– Valéria... Você pode esperar um pouco?

– Ok.

Foram uns vinte impacientes minutos até que o rapaz aparecesse. Alto, gordinho, tinha aquele jeito simpático de quem se propõe a ajudar todo mundo. A pele avermelhada e o sotaque garantiam que era mesmo um nortista, um baiano talvez.

– Desculpa a demora. Tava terminando a organização dos discos piratas lançados depois da separação. Dureza.

– ...

– Os discos dos Beatles.

– Tudo bem.

Entraram na viatura do jornal e ele foi dizendo para ela virar aqui, virar ali.

– O que os guardas acharam de fato no local?

– Bom, fiquei sabendo que tinha umas revistas e uns recortes de jornal com anúncios da Concessionária Sol. O número do telefone da concessionária também estava anotado em algum lugar, pelo que entendi...

– Uau! A Concessionária Sol, é?

– É. Tinha uma mesinha de madeira, velha, gasta, com números de telefone anotados...

– Tou sabendo...

Eles estavam literalmente entrando no meio do mato, em plena área rural, uma região quase sem trilhas.

Valéria passou na memória o que sabia sobre a Concessionária Sol. Comprou seu Fuscão lá, era um fusca inteiro, reluzente, bonitão, com um som legal e entrada USB. A dona da Sol era Monique Kurtz, uma colunável alta e loura. Na verdade, o dono era Carlos Kurtz, marido dela, um sujeito desajeitado, meio bronco, que não sabia falar direito, não tinha estampa, não significava nada. Era ela quem mandava e saía nas fotos. Sempre. Todos diziam que era uma alpinista social, linha dura, gostava de mandar e aparecer em fotos. Quase sempre sem o marido do lado.

Depois de se lembrar disso tudo, lembrou também que a Sol era anunciante do jornal.

...

O celular de Janice vibrou no bolso da calça. Ela o tirou do bolso, acionou a mensagem sem olhar, baixou os olhos, o aparelho debaixo da mesa, enquanto todos comiam. Era Jackson, um office-boy de um escritório que ficava na baixada, perto do Reduto. Vira e mexe o garoto de dezoito ou dezenove anos passava por lá para uma chupada rápida, num intervalo entre um banco e outro. Era um rapazote legal, limpinho, evangélico, que precisava descarregar um pouco da energia juvenil na boca hábil da traveca. “Passo daki 15 min” dizia o recado. Janice pensou em responder que não.

Ela estava abalada, claro, com os olhos vermelhos, com ódio do mundo e de Deus. Ela não queria fazer nada mais que chorar e maldizer a vida. Não queria chupar ninguém, não queria se lembrar daquela condição horrível dela, de travesti deslocada num mundo de incompreensão e dor. Não queria...

Mas não respondeu a Jackson. Acelerou a mastigação.

– Vou chupar o garoto. Tiago ia gostar que eu fizesse isso.

E foi escovar os dentes.

...

Os dois riam como se fossem velhos amigos. A estrada agora era de terra e o carro pulava bastante, eles quase não conseguiam conversar.

Depois de várias curvas em lugares realmente acidentados, chegaram até o local.

...

Monique estacionou em sua vaga privativa na concessionária, passou pelos funcionários sem cumprimentar ninguém e subiu as escadas para a sua sala. Entrou, sentou, pegou o telefone e ligou para o ramal da oficina.

– Pedro...

– Oi dona Monique...

– Vem aqui...

– ...

– E traz o lubrificante.

– Tá.

Rafael Galvão era de Salvador, Bahia, e lá conseguiu seu primeiro emprego como escrivão, tendo prestado concurso e passado entre os primeiros. Ficava sempre atento às vagas que eram abertas em cidades nas quais ninguém queria trabalhar e foi pulando de distrito a distrito, de cidade a cidade, tendo, assim, correções salariais e bonificações. Durante alguns anos trabalhou na região de Niterói, Rio de Janeiro. Quando ficou sabendo da vaga para essa cidadezinha no interior de São Paulo, candidatou-se. Teve um novo reajuste no salário e ali estava já tinha dois anos.

Com trinta e quatro anos, contava quase dez na polícia. Era experiente, mas sempre calado e resignado ao seu trabalho. Via-se como um burocrata da lei. Quando alguma idéia sobre algum caso lhe aparecia, tratava logo de esquecê-la e nada comentava com os superiores. Era uma maneira de não se envolver e manter a sanidade, dizia.

Mantinha a tal sanidade lendo livros policiais, era fã de Nero Wolf. E ouvindo os discos dos Beatles, claro. Gostava de filmes velhos, musicais como “A Noviça Rebelde” – e achava meio constrangedor contar isso para quem quer que fosse; era como um segredo. Em segredo também pegava de vez em quando uma putinha de rua para um boquete ou uma trepada rápida. Mas era um punheteiro contumaz. A última namorada tinha ficado em Salvador e a última

notícia que tinha dela é que tinha sido presa por tráfico de crack.

Quase nunca saía a campo, não era esse seu trabalho. Agora estava ali com a jornalista, se sentindo meio deslocado. Mas botou reparo demorado nela. “Bonita, mignon, estilosa”, pensou.

Valéria olhava os carros depenados naquele fim de mundo, meio sem saber o que procurava, meio confusa por estar com essa matéria importante na mão.

O escrivão notou que os carros não seguiam um padrão; eram novos e velhos, das mais diferentes marcas. A maioria estava bem desmontada, sem portas, capôs, motores. Mas outros estavam inteiros, como se tivessem chegado recentemente e não tivesse dado tempo de serem desmanchados ainda.

Chegaram à salinha improvisada, debaixo de uma mangueira velha, lá no fundo, caindo aos pedaços.

...

– Eu proibi o Kurtz de entrar aqui.

– Por quê?

– Ah, Assis... Tem coisas que eu acho que não devo contar a você...

– ...

– Você é repórter... Qual o interesse no Kurtz agora?

– Ah, Marta... Eu estou muito abalado com...

Água lhe veio aos olhos.

– Mas... Ao mesmo tempo... Foi descoberto um desmanche e o Kurtz deve estar envolvido...

– ...

– E eu sei... algumas meninas já me contaram que ele já esteve aqui algumas vezes.

– ...

– Por que o proibiu?

Marta fez um silêncio profundo, mas era certo que ia contar. Assis esperou.

– Ele chegava aqui sempre chapado...

– ...

– Todo mundo sabe da situação dele. Ele distribuía algum dinheiro, mas nunca comia ninguém...

– Claro.

– Começou a dizer, confidenciar para uma menina e outra, que não agüentava mais a mulher, que ela o estava roubando, que pensava em dar um fim nela. Achava que ela estava apaixonada por outra pessoa... Ele estava paranóico e acho que até o pescoço com drogas. Trazia drogas para cá e você sabe que eu não gosto disso! Parecia cada vez mais violento e descontrolado. Da última vez, pedi que não viesse mais e ele me deu um tapa...

– Filho da puta!

– Mas já está tudo resolvido, Assis. Ele não faz parte da nossa vida aqui, quero que ele e a puta da mulher dele se fodam!

Mal Marta acabou de falar, Assis apanhou as chaves do carro em cima da mesa e saiu. Se Carlos Kurtz tinha algum envolvimento com o desmanche, Assis ia descobrir e foder com o magnata. “É rico, é

anunciante do jornal, mas agora ganhou um inimigo! Ninguém mexe com a Marta e as meninas!”. Tinha ficado chateado especialmente com o tapa. “Quero ver bater em cara de macho!”.

...

Pedro entrou na sala de Monique sem bater. Ela apertou um botão sobre a mesa e a porta trancou. De pé, mão apoiada na mesa, ergueu o vestido deixando à mostra a bunda perfeita, bronzeada. Os cabelos louros caíam até a cintura. Não disse nada.

O rapaz, moreno forte, da mesma idade que ela, vinte e seis, trazia uma latinha na mão esquerda. Enfiou a mão direita dentro da calça e massageou o pau um pouco.

Abriu a latinha e a colocou sobre a mesa. Aí desabotoou a calça e baixou a calcinha da patroa. O pau estava duro.

Enfiou dois dedos na latinha e lambuzou o cu de Monique com o lubrificante. Era um lubrificante para automóveis, marrom, viscoso.

– Vai logo, Pedro. Caralho!

Ele dirigiu o pau para lá e meteu de uma vez, entrou direto. Nenhum dos dois gemeu ou emitiu qualquer som. Não demorou vinte segundos e o rapaz gozou. Quando foi tirar o pau, caiu um pouco de porra no tapete.

– Caralho, Pedro! Olhaí, sujou o tapete!

– Desculpa, dona Monique.

– Vai, guarda esse pau e vai embora. Deixa que eu limpo. Só tem incompetente na minha vida.

O rapaz ficou um pouco chateado, guardou o pau, pegou a latinha e foi embora. Ela foi até o banheiro, passou um pedaço de papel no rabo e pegou outro pedaço para limpar o chão.

...

No quarto de Janice, Jackson revirava os olhos depois de um minuto de uma chupada fulminante aplicada pela bonita traveca. Arnaldo Veiga Caiado. Era esse o nome verdadeiro de Janice.

...

A salinha era muito pequena e abafada, três por três, com uma mesinha num canto e uma pilha de revistas pornográficas no outro – muitas delas com travestis. A mesinha de madeira era velha, ressecada e sem uma perna, escorada na parede. Não havia cadeira. Em cima, uma caneta Bic quase no fim e vários desenhos, anotações aparentemente desconexas, números de telefone. Os desenhos quase sempre eram pornográficos chulos, como um pênis enorme ejaculando dentro do olho de uma velha. Valéria, que não parecia abalada pelo clima degradante, tirou algumas fotos da mesa, fez algumas anotações num caderninho e pensou em folhear algumas das revistas a procura de algo, mas desistiu. Rafael manteve-se calado durante todo o tempo, com idéias rondando a cabeça. Não tinha que dizer nada; já estava ajudando a moça como podia.

Na volta, ela tentou pescar se o rapaz tinha alguma teoria.

– Você ficou quieto de repente...Aconteceu alguma coisa?

– Não. É que...

– ...

– Preciso acabar minha arrumação... Dos discos, sabe? Tou preocupado com isso.

Ele saltou do carro, eram quase quatro da tarde. Deram as mãos.

– Qualquer coisa, me liga.

– ...

– Se precisar de alguma informação, me liga.

Ela assentiu com a cabeça e já ia entrando no carro.

– Se não precisar de informação nenhuma...

– ...

– Me liga também.

Ela deu um sorrisinho e achou engraçado. Ele estava flertando com ela?

Tocou para o jornal.

...

No Cemitério da Colina, ex-Cemitério da Saudade dos Viventes, um silêncio ancestral prevalecia. Nenhum pássaro ou grilo ou mosca, nenhum latido ou miado, nenhum sussurro de gente ou grito de criança, nenhuma ânsia de realização ou farfalhar de folhas. Até as árvores pareciam ter desistido de crescer.

Uma quietude tranqüila, dessas que a vida não permite.

...

Quando Assis irrompeu pela redação, todos

olharam. Valéria tinha acabado de chegar e estava olhando para a tela branca do computador. Na sala de vidro, Beto falava agitado no telefone. O repórter poli-cial tinha as roupas amarfanhadas, a cara algo inchada de choro. Mas a expressão era de excitação.

Ele realmente amava a profissão. Ele vivia para o jornal e acompanhava a polícia há mais de vinte anos. No caminho, do Reduto da Marta até a redação, foi visualizando a primeira página, foi calculando os espaços para as chamadas, o espaço para a publicidade. “Desmanche da Sol – Maior concessionária de veículos da região mantém desmanche ilegal com mais de 60 carros”. Aumentou um pouco o número de veículos, para arredondar. “Seria legal se tivesse um anúncio grande da Sol nesta edição”, pensou.

Valéria levantou-se da cadeira meio satisfeita por vê-lo ali e pensou em ir embora, sair no seu horário costumeiro, pegar o Fuscão e correr para casa. Mas deveria ficar, acompanhar o que ia acontecer, aprender com aquilo. Assis mostrou a mão espalmada para ela, como quem diz “espera”. E foi direto para a sala do Beto. Assim que entrou, Beto desligou o fone.

Eles ficaram se olhando por alguns segundos. Existia uma comunicação além de palavras entre eles. E depois desses segundos, Assis soube, sem que o chefe nada dissesse, que a matéria não ia sair, não ia poder dizer tudo o que queria e deveria sobre o tal desmanche. O tempo era exíguo e era melhor concordar com o chefe naquelas condições.

...

Marta pensou em não abrir a casa naquele dia. Mas as segundas eram os principais dias de movimento. Os homens ficam em casa no final de semana alimentando desejos que não conseguem realizar com as esposas. E então procuram as alternativas na segunda-feira. Ela abriu. Eram cinco e meia quando colocou duas cadeiras do lado de fora, na calçada, e mandou que duas meninas sentassem lá, com trajes provocantes; era o sinal de que a casa estava funcionando.

...

Eram cinco e meia quando Carlos Kurtz chegou à concessionária, olhando para os lados. Ele já tinha falado com todos os donos da imprensa local e agora rezava para que fossem fiéis a ele.

Ele não gastava quase vinte mil por mês com a imprensa local – mais alguns milhares com colunistas sociais safados – para agora ser crucificado publicamente por causa de um desmanche. Ora!

...

Às cinco e meia, Assis chamou Valéria para um café na copa da redação. Entrou e fechou a porta. E disse que não iam falar muito sobre o caso – mas não iam deixar de continuar investigando. Ela estranhou um pouco, mas sabia bem como as coisas funcionavam.

– Como foi lá com o Rafael?

– Tudo bem, não vi nada demais.

– ...

– Mas parece que o Rafael pensou em alguma coisa que não quis me contar...

Ele fez cara de interessado e gostou que a jovem tivesse tido essa percepção.

...

Em seu minúsculo apartamento, Rafael terminava de organizar seus discos piratas dos Beatles em ordem cronológica. Olhou para o lado e viu uma pilha de livros, a maioria pulps de bancas de jornais, toda coleção da Brigitte Monford. Suspirou; havia muito a fazer. Discos arrumados e seria a vez dos livros! Decidiu tomar um banho. E se masturbou pensando em Valéria.

...

– Incompetente!

Monique, em pé, estava prestes a esbofetear o marido. Carlos estava sentando num pufe, perto da mancha de porra que o Pedro tinha deixado cair no tapete.

De ombros caídos, Carlos tentou argumentar.

– Não tinha erro! Não tinha erro! Aquele lugar é no fim do mundo, as peças estavam vindo pra cá sem levantar nenhuma suspeita. Ninguém descobriu nada, foi puro acaso, pura sorte daqueles guardinhas!

Ela abriu um pote de cima da mesa, pegou uma porção de cocaína, abriu o saquinho, derrubou em cima

do tampo de vidro da mesa. Fez fileiras rapidamente com um cartão de visitas, enrolou uma nota e matou duas. Carlos se levantou.

– A única coisa que nos liga ao desmanche são os números dos telefones anotados na mesinha. A gente contrata esses idiotas que não sabem nem usar a agenda telefônica do celular! O que você quer? Eles sim, um bando de incompetentes!

E foi cheirar algumas carreiras.

– Essa cidade é minha, querido marido. Eu não sou só a mulher mais gostosa, bonita, rica e inteligente dessa cidade: eu mando aqui! Eu financiei a campanha do prefeito, eu dou carros e dinheiro para os vereadores, eu faço coquetéis para os juízes e promotores, eu ajudo a polícia e faço a delícia de toda essa corja de corruptos que me desejam...

Foi até o marido e apertou seu pau e as bolas sob a calça.

– E já que meu marido é um puto dum brocha que só sabe cheirar cocaína e meter no cu de travecas fuleiras, eu posso dar para a cidade toda para me manter na minha posição.

Carlos soltou um “ufff” quando ela soltou seu membro.

Pegou o saquinho e derrubou o resto do pó na mesa, produzindo mais meia dúzia de carreiras. Fez uma face terna, foi até o marido e o abraçou, falando no pé do ouvido dele.

– Arruma um cara... Não tem aquele carioca que

mata por uns trocados? Chama ele, manda matar umas pessoas. Eu tenho uma lista de gente que bem podia sumir do mapa, abrindo ainda mais nossos caminhos. Tira o foco da imprensa dessa história de desmanche, faz a cidade se agitar com uma matança qualquer. Aqui só tem um bando de ignorantes chucros. O povo quer sangue!

Eles se desvencilharam, o homem mandou mais pó para o nariz e levantou a cabeça num gesto de júbilo. Matar umas pessoas. Sim. Matar umas pessoas podia ser algo que trouxesse um pouco de ação à sua vida monótona e burra. Quem ele gostaria de matar?

– Eu posso ligar para o carioca. É o Anísio, Anísio do Lírio. Por uns vinte mil ele vem pra cá e bota a cidade abaixo.

– É isso, meu amor. É disso que a gente precisa! Eu tenho uma listinha, você faz uma listinha, a gente liquida um pessoal e seguimos nossa vida! Quem sabe depois você não vai lá praquela clínica lá na Suécia, faz um tratamento, se limpa e ativa de novo esse pau? Você é “kurtz” só no sobrenome, meu amor.

Era uma piada que ela sempre fazia, para tentar animar o marido. Ele sorriu de leve, mordendo os dentes por causa do efeito da droga.

– Carlos, meu amor... Você precisa voltar a gostar de buceta, meu bem!

...

A redação pegava fogo com a proximidade do fe-

chamento. Assis anotou as informações de Valéria e mandou que ela fosse para casa – ele mesmo ia escrever a matéria do desmanche e ia fechar a nota sobre o acidente com os Zanco. Depois de vários cafés, respirou fundo e escreveu a matéria mais insossa e fria que jamais escreveu na vida. Relatou o encontro do desmanche pelos guardas municipais, omitiu a mesinha com as anotações, usou uma foto ruim que a Valéria tinha feito, mostrando os carros no meio do matagal. Terminou com “a polícia investiga conexões entre o desmanche e oficinas da cidade e da região”. Queria que Carlos Kurtz e sua mulher, ao lerem a matéria, achessem que ninguém mais fosse se interessar pelo caso.

Depois não poupou elogios a Tiago Zanco, em seu obituário. “Um dos mais importantes empresários da cidade, grande empreendedor de causas sociais...”. E chorou de novo ali, sobre o computador, lembrando seu grande amor.

Os jornalistas ali, nas imediações, não tinham a menor idéia do que estava acontecendo.

...

Nas casas dos parentes da família Zanco, aquela sensação de perda que vai se esmaecendo.

E a escuridão foi tomando a cidade por volta das seis e meia da tarde, tornando tudo mais encoberto, os gatos mais pardos, os segredos mais invioláveis, as dores mais amenas.

Muito longe dali, na Favela do Lírio, morro

carioca, um telefone tocou. Um homem gordo, de pele muito branca e olhos grandes e negros, atendeu. Era Anísio, o Anísio do Lírio, matador de aluguel.

– Apaga todo mundo!

O gordo desligou o telefone e ficou um pouco chateado. Não por ter que matar todo mundo. Por ter que tomar o carro no dia seguinte e dirigir por mais de seis horas até aquele maldito cu-de-mundo paulista.

...

Assis pegou suas coisas e ia saindo, era um dos dias em que ia embora mais cedo, em toda sua carreira de repórter policial. Não eram oito da noite. Deu com a mão para o Beto e correu para que o chefe não viesse falar com ele.

Pensava na mulher e na filha que estavam em casa, sentiu saudade da mulher e da filha, achou estranho.

Pegou o carro no estacionamento.

– Dia estranho, hein seu Assis?

Era Gustavo, o porteiro negro com os dentes mais brancos do mundo.

– Nem me diga, Gustavo. Nem me diga.

Ao deixar o jornal só fez uma anotação mental de ligar para Rafael Galvão na manhã seguinte.

...

Sete clientes apareceram no Reduto da Marta naquela noite. Apenas dois quiseram sexo – os outros beberam, conversaram e passaram a mão nas bundas

das meninas. Duzentos e setenta e cinco contos foi o faturamento. Não foi uma das melhores noites de segunda-feira, mas foi bom ter aberto. Era uma da manhã e Marta rezava para Tiago com as notas e os cheques incomodando seu peito de silicone ruim, dentro do sutiã.

...

Anísio escondeu a arma e a munição num fundo falso do porta-luvas e colocou a mala no banco de trás do Santana quatro portas. Entrou devagar em casa, beijou a mulher e o filho de quatro anos. Estava escuro, ainda não eram cinco da manhã e ele já saía para o trabalho.

...

O despertador tocou e geralmente apenas Carlos deixava a cama àquele horário, oito da manhã. Mas naquela terça, Monique também se levantou.

– Não vai dormir até mais tarde?

– Não, benzinho. Hoje é dia de trabalho duro...

Ambos colocaram roupões, ela foi lavar o rosto. O café já estava servido, os jornais repousando no canto da mesa: ele sempre tomava café enquanto lia as notícias. Ela não mostrou ansiedade, esperou que ele lesse enquanto tomava uma xícara de café preto e fazia cara de esposa comportada.

Ele apanhou o caderno de economia e foi para o banheiro. Ela se pôs a procurar pelas matérias sobre o desmanche. No jornal de Assis apenas uma notícia pequena na capa, nenhuma chamada para matéria

completa na página três, como ela esperava. Abaixo, a foto da família Zanco e as informações sobre o acidente. Na página três, algumas fotos sobre a tragédia: o último aniversário de Marcinha, que teve cobertura do colunista Tony Evan, Tiago e Cristina sorrindo ao lado da filha; a caminhonete destruída sendo guinchada; os três esquifes com muita gente ao redor.

Monique sorriu com o canto da boca.

No outro jornal local, quase a mesma coisa, embora a chamada do desmanche fosse maior. O texto não fazia menção à concessionária, não citava a mesinha de madeira com números de telefones. Na matéria sobre os Zanco havia um box com frases de personalidades locais comentando a perda de tão iminente personalidade. Entre elas, uma consideração da própria Monique Curto: “A cidade perdeu um dos seus principais redutos morais”. Ela havia ligado para o jornal no dia anterior, dizendo que queria comentar a tragédia dos Zanco. E falou com toda sinceridade.

Tiago Zanco comprava carros para a empresa e para a família na Concessionária Sol. Quando Monique o conheceu, sentiu algo diferente. Podemos dizer que ela se apaixonou por ele, mas foi algo mais estranho que isso: sentiu, imediatamente, uma vontade de abraçá-lo e encostar sua cabeça em seu peito e experimentar uma calma que nunca havia sentido. Ela lembrava bem desse instante. Ela sentiu por Tiago não um tesão ou um amor profundo, desses que se diz “à primeira vista”. Foi um sentimento.

Ela se sentiu confusa, naquele primeiro instante. Quase não conseguiu falar com ele, balbuciou palavras, chamou seu gerente de vendas e ordenou que fizessem todas as melhores condições e preços para o empresário. Ele sorria, parado, emanando um cheiro bom de colônia importada, envergando um paletó de costureiro bem cortado, barba bem feita, pele de bebê. Os cabelos louros e mais compridos que o normal balançavam um pouco com a brisa, como se ele cuidasse muito bem deles, muito mesmo, com carinho especial. Seus dentes eram brancos e exatos e ela pôde sentir o hálito muito fresco quando ele disse obrigado.

Monique teve vontade de abandonar tudo por ele.

Depois, começou a pensar nos motivos de tamanho impacto.

Talvez Tiago lhe lembrasse o pai. Ela não tinha seis anos quando o pai morreu em um acidente de automóvel. Ela se lembrava dele sempre muito carinhoso, bonito, cheiroso. A mãe era sempre muito autoritária e estava sempre cheirando a bife e tinha uma qualidade máscula de chefe da casa. Ela gostava desse jeito da mãe, herdou esse pulso firme, essa capacidade gerencial. Mas talvez a impressão geral da mãe tenha se formado depois da morte do pai, quando ela assumiu de fato a casa, a criação da única filha.

O pai, assim como Tiago, tinha um jeito doce, qua-se feminino. Tinha uma presença imponente e terna, um jeito especial de pegá-la no colo, como ela queria que Tiago fizesse.

Na faculdade de administração ela encontrou um professor assim, com as mesmas características. Tentou se aproximar dele, mas foi no último ano, ela estava envolvida com tantas coisas, com tanto trabalho, com tanta ambição, que não conseguiu ter qualquer tipo de relacionamento com ele.

Decidiu que queria Tiago. Mas não sabia como conquistá-lo.

Inventando uma desculpa qualquer, uma visita de cortesia, apareceu dias depois na empresa dele. Vestiu-se matadoramente. Mas diante do homem não soube como se portar. Embaralhou palavras e pensamentos, olhou demoradamente as fotos da família sobre a mesa de trabalho, teve vontade de chorar, saiu de lá com vergonha, com medo de destruir uma família.

Seus sentimentos eram confusos – e ficaram cada vez mais.

Suas pernas ficavam bambas quando via fotos dele e da família nas páginas sociais ou quando encontrava casualmente com ele nos eventos. Ou nos restaurantes. Ou mesmo em sua própria concessionária.

Torturada e triste por não conseguir tê-lo – ela, que tinha tudo! – pensou em tirá-lo de seu caminho. Pensou nisso muitas vezes, mas era só mais um pensamento de acabar com alguém e ela tinha de fato uma lista de pessoas que desejava “exterminar”.

Ele virou o número um na lista de pessoas que ela queria exterminar. Mas ela não via uma maneira de conseguir realizar isso, não sentia que podia fazer esse

tipo de mal perverso, matar realmente alguém. A ocasião aconteceu quando Tiago apareceu na concessionária para uma revisão na caminhonete. E ela foi falar com ele.

– Vou fazer uma viagem no domingo, Monique. Com toda a família. Vai ser um momento muito feliz e especial em minha vida e eu queria um check-up no carro, para que nada desse errado.

Ela pensou muito rápido, a idéia veio toda inteira à sua mente.

Não podia acabar com Tiago e deixar a mulher e a filha tristes e sozinhas sem o pai. Não podia proporcionar a alguém dor comparável à que teve quando seu pai morreu. Não; ela e sua mãe sofreram muito e desejaram as próprias mortes, durante vários dias, meses, anos! Mas... se talvez pudesse exterminar toda a família, pai, mãe e filha talvez fosse algo justo – para eles e para ela! Esse foi um pensamento claro e lógico para ela – e ela ficou muito satisfeita em fazer esse “bem” a todos.

– Vamos fazer um ótimo trabalho no seu carro, Tiago. Posso pedir para que alguém o entregue no sábado à tarde?

– Ah, sim, claro. Eu posso usar o Volvo por esses dias.

Quem fez o serviço na caminhonete foi o Pedro.

...

Na redação, logo cedo, Assis não dava ares de

contrariado: trabalhava normalmente, como se aquela terça-feira fosse uma qualquer. Valéria achou tudo estranho, mas não tinha porque fazer grandes questionamentos. Assis estava ainda triste com a morte de seu grande amor, mas agora havia a obstinação por incriminar Carlos Kurtz no caso do desmanche, revelar a verdadeira face deste “hipócrita social” e sua mulherzinha metida, como ele mesmo dizia a si mesmo.

Ligou para a delegacia, pediu para falar com Rafael Galvão.

– E aí, Paraíba?

– Fala, viado.

Eles eram amigos.

– Vamos almoçar hoje? Quero te pagar um rango decente, deixa dessa merda de marmitex frio.

– Vai chover pra caralho hoje.

– Hahahaha.

– Passa aqui me pegar meio-dia.

– Fechado!

Assis queria tirar do escrivão o que Valéria notou que ele percebeu e não falou.

...

Monique sabia que as investigações sobre o desmanche iam correr de qualquer forma e que o responsável era um delegado jovem e ambicioso, dr. César Lobo. Ela tinha um motivo para ter acordado tão cedo: queria se aproximar do delegado. Caso a coisa fedesse para o lado dela, queria ter o delegado na mão.

O marido ia saindo, quando a lembrou que Anísio ia chegar naquela manhã.

– O carioca vai esperar lá no restaurante da rodovia. Ele quer a lista das pessoas que ele tem que... apagar. Com nomes, endereços, detalhes, essas coisas...

– Antes do meio-dia o Pedro leva a lista para ele.

Despediu-se do marido com um beijinho no rosto e foi para o telefone.

– Quero falar com o delegado César Lobo.

– Quem está falando?

– É Monique Kurtz, da Sol Veículos.

– Não sei se ele chegou, vou transferir para o escrivão Rafael, que fica na sala ao lado da dele. Só um momento.

Entrou uma daquelas musiquinhas chatas de espera telefônica.

– Pronto.

– Quem fala?

– Escrivão Galvão. Rafael Galvão.

– Queria falar com o delegado... dr. Lobo.

– Quem fala?

– Monique Kurtz.

– Ele está ocupado... É urgente?

– Sim... mais ou menos...

– Péra...

– Ei...

– Ähn...

– Não me coloca de novo aquela música de espera, pelo amor de Deus!

– Ah. Tá...

– ...

– Eu já falei pra eles colocarem uns Beatles aqui...

Mas repartição pública... cê sabe, né?

– ...

– Péra.

Mais de um minuto se passou. E Rafael voltou.

– É a dona da Sol Veículos, certo?

– Sim.

– Ele já vai atender...

– Tá.

– ...

– Ei...

– ...

– Era melhor se eles colocassem Beatles aí pra gente escutar.

Rafael gostou que alguém concordasse com ele. “E que voz bonita tem essa tal Monique!”. Ele fechou os olhos e tentou casar a voz à figura que já tinha visto em alguns jornais.

De dentro da sala, o dr. Lobo gritou. E ele passou a ligação.

– Dr. Lobo...

– Bom dia, dona Monique... Em que posso ajudá-la?

– É que...

Ela embargou um pouco a voz, se fazendo de amedrontada.

– É que acho que estão me seguindo...

– ...

– Não quero abalar meu marido... O senhor sabe que ele operou do coração recentemente...

– Sei...

– E não sei se é algum tipo de paranóia minha... Está difícil pra gente que tem algum dinheiro viver sem medo nos dias de hoje...

– É.

– O que o senhor pode fazer por mim?

– ...

– Quero dizer... Será que a gente podia se encontrar para conversar? Queria umas dicas suas... Sei que o senhor é alguém confiável e...

Ela ia deixar algo no ar... Preparou-se para falar aquilo, mas hesitou um instante.

– E... interessante.

– ...

– Quero dizer... O senhor é jovem e está bastante atento a tudo que está acontecendo, aos perigos da vida moderna...

– Bom... é o meu trabalho.

– Talvez o senhor me dê alguns conselhos. Eu ando muito sozinha, meu marido quase não pára na cidade, fica visitando as outras concessionárias, faz negócios em outras cidades...

– Sei...

– Será que eu posso ir até aí?

– Pode... Deixa eu ver...

Ele consultou a agenda sobre a mesa, ela pôde ouvir papéis sendo remexidos.

– Geralmente volto do almoço por volta das duas...
Mas posso voltar um pouco antes e conversamos...
Que tal uma e meia?

– Pode ser... Mas...

– ...

– Será que eu não podia dar um pulinho até aí agora?

– Ah...

– É uma conversa rápida, apenas alguns minutos...

– Se for rápido, ok, venha.

– Tá bom...

– ...

– E obrigada!

Desligou com um sorriso.

...

Um Santana azul velho, mas extremamente bem conservado, entrava no município pela estrada principal. Anísio guiava enquanto comia um pacote de batatas chips. Nem reparou nos radares próximos ao restaurante que exigiam 90 quilômetros por hora por ali ser “área urbana”. O carro não estava no nome dele, era de um defunto, um cagüete qualquer.

No retrovisor, pendurado por uma cordinha amarela, um elefante indiano balançava. Tinha sido presente do filho, “para dar sorte”.

...

Monique Kurtz chegou já eram dez horas. Rafael

levantou para atendê-la, cumprimentá-la. Ela estava com uma camisa regata branca que marcava bem os peitos e com uma saia – ou seria mini-saia? – vermelha que deixava suas longas pernas à vista. Ela tinha longos cabelos louros, provavelmente tingidos, e um largo e cativante sorriso branco. E era alta. Mais alta que Rafael.

Rafael notou tudo isso, obviamente. Mas algo lhe chamou a atenção mais que tudo: o perfume.

Existem perfumes informais e perfumes especiais. Existem perfumes para o dia, para o dia-a-dia, e perfumes para um dia de um encontro especial. Existem perfumes para noites quentes e perfumes para dias frios. Perfumes para tardes de chopp e para noites de vinho. Perfumes para agradar e perfumes para impressionar. Perfumes para encobrir, de leve, a transpiração e perfumes para tomar de sobressalto quem está por perto. Perfume para conversar e perfume para dar.

Monique usava um perfume para dar.

O escrivão cerrou os olhos de leve quando ela passou por ele depois de cumprimentá-lo e, num flash, imaginou o cheiro de sua buceta. Combinado com aquele aroma floral seria um cheiro inesquecível, sem dúvida. E ele foi atrás dela, introduzindo-a a sala do chefe. Ao sair, deixou a porta aberta. Era normal: o chefe sempre conversava com a porta aberta. Era um procedimento: não se fecham portas de delegados, apenas em casos extremos ou a pedido do próprio delegado. Rafael não fechou – mas Monique levou o braço, na sequência em que entrava e puxou a maçaneta.

– Com licença.

Lá fora, o Rafael com uma ereção daquelas.

...

Outra pessoa além de Anísio, de representantes comerciais chatos e de velhos em excursão chegava à cidade naquela manhã de terça. No banco de trás de um luxuoso carro blindado alugado com motorista estava a figura miúda e parda de um grande cirurgião. Nim Assud era seu nome. Sua clínica ficava em Manhattan, mas ele era de nacionalidade coreana, com pai árabe. Ele chegava à cidade com instruções específicas de procurar certa pessoa, por volta do meio-dia, naquela terça-feira. Como não falava português, as instruções estavam com o motorista. Naquele momento ele se espreguiçava do cochilo que tirara. Olhou pelo vidro as ruas e os prédios, as casas velhas e humildes da cidade, as pessoas que andavam nas calçadas irregulares. Era o homem que ia operar Tiago Zanco – e era essa pessoa que ele devia encontrar.

O motorista parou em um posto de combustíveis para abastecer e pedir informações sobre o endereço e Nim Assud desceu para esticar as pernas.

Ele estava ali, esticando as pernas e espreguiçando, quando, subitamente, duas viaturas da polícia militar encostaram bruscamente. Homens armados desceram, apontando para o cirurgião de maneira hostil. Ele levantou os braços automaticamente e olhou para o

motorista que pagava pelo abastecimento dentro da loja de conveniência.

– O que você tem aí no porta malas?

Assud só balançava a cabeça, sem entender o que estava acontecendo. O motorista veio ao seu auxílio.

– Ele é um grande médico, está procurando uma pessoa daqui, que o contratou...

– O que vocês têm aí no porta-malas?

O motorista traduziu para o policial.

– Equipamentos médicos, livros e anotações dele, além de roupas...

– Vocês têm notas fiscais desses equipamentos?

O motorista ficou em dúvida, tentou traduzir para o médico, que só balançava a cabeça negativamente.

– Abre o porta-malas!

Em uma ação rápida, quase instantânea, os policiais removeram todo material que estava no porta-malas do carrão para uma das viaturas.

O interlocutor fardado deu uma gargalhada, olhou para os dois, sinalizou com o braço para os outros, entraram todos nos veículos e partiram rápido.

O médico, o motorista e frentistas e clientes que estavam por ali ficaram longos segundos em silêncio, tentando entender o que tinha acontecido.

...

Na redação, Valéria fazia a checagem corriqueira quando deparou com uma ocorrência não-corriqueira: no plantão policial, naquele exato momento, um es-

trangeiro registrava um boletim de ocorrência estranho, dizia que tinha sido assaltado por policiais.

Pensou em chamar Assis, que estava conversando com Beto na sala de vidro. Mas achou melhor dar uma passada no distrito – assim conseguiria sair mais cedo para o almoço e faria as unhas.

Valéria não era muito vaidosa, nem ligava para pinturas e perfumes... Mas não ficava uma semana sem fazer as unhas no salão.

Pegou o Fuscão e saiu.

...

– Doutor Lobo...

– ...

– Na verdade estou aqui por dois motivos. O primeiro é esse, que já te falei.

– ...

– Preciso de segurança, queria que o senhor arrumasse alguém de sua confiança para me servir de guarda-costas.

– Bom...

– ...

– O pessoal da civil faz alguns serviços “por fora”, posso ver se tem alguém que pode se interessar...

– Eu posso pagar. E bem!

– ...

– Não quero qualquer um. Temo que minha vida corra perigo.

– ...

– Meu marido... ele... tem problemas sexuais, anda mexendo com drogas e parece até que tem um amigo, um tal carioca, que é matador. Não sei se é verdade, o senhor sabe como são os homens, metidos a valentões...

– Sei...

– Eu ando muito por aí sozinha, as pessoas me conhecem, sabem que eu tenho dinheiro. Então tenho medo de estar num caixa eletrônico e, de repente, alguém me agarrar.

Ela estava sentada. Quando disse “agarrar”, passou as mãos no abdômen, de baixo para cima, deixando subir levemente a blusa.

– Você... O senhor... acha que pode me ajudar com isso?

Dr. Lobo engoliu seco e afirmou com a cabeça.

– Pois o outro motivo pelo qual estou aqui, doutor...

– ...

Ela enfiou a mão de leve dentro da bolsa e ligou rapidamente um gravador digital.

– É que estou...

– ...

– Estou muito sozinha...

– ...

– Eu estou... muito... interessada no senhor!

Ela ia falando e se levantando vagarosamente e quando acabou a última frase estava sobre a mesa do delegado com a língua dentro da boca dele.

Ele suava dentro do paletó e várias coisas lhe passavam pela cabeça. Mas era jovem e não podia perder a

chance de comer aquela mulher tão cobiçada e linda e desejada que estava ali, se oferecendo. Ela reparou na dúvida dele e se afastou um pouco.

– Não se preocupe, doutor. Como o senhor deve saber – as notícias correm – meu marido já não pode me satisfazer. E eu gosto de buscar alternativa naquelas pessoas que aparecem bem nas fotografias dos jornais...

– ...

– O senhor aparece sempre bonito e elegante com esse terno escuro...

E começou a tirar o terno dele.

– E eu fiquei...

– ...

– Fiquei com uma vontade enorme...

– ...

– De chupar o senhor!

Num pulo ela varou a mesa e ficou de joelhos do outro lado. Arrancou o pau pulsante dele para fora e começou a chupar. Um pensamento rápido lhe veio: que o idiota do outro lado abrisse a porta a qualquer momento.

Tirou o pau da boca por um instante.

– Aquele rapaz... Ele não vai abrir a porta, né?

Dr. Lobo apanhou o telefone e discou o ramal do escrivão, que demorou um pouco para atender.

– Oi.

– Rafael...

– ...

- Unf.
- Oi.
- Rafael...
- ...
- Não entre na minha sala.
- Tá.

Em poucos minutos Monique estava deitada sobre a mesa, de pernas abertas enquanto do dr. Lobo socava alucinado o pau em sua vagina molhada.

O que eles não sabiam é que Rafael não precisava abrir a porta para saber o que estava acontecendo ali: bastava que ele olhasse pelo buraco da fechadura.

...

Valéria não era de pensar na vida, gostava de deixar as coisas correrem. Nunca teve que se preocupar muito com grana, sempre se deu bem na escola e com os amigos, namorou muitos caras e não queria arrumar alguém fixo; achava que devia viver um dia após o outro e um dia apareceria alguém com quem ela gostaria de ter filhos e uma vida sossegada. Tinha preocupações fúteis como onde ir no final de semana ou em preparar o pen drive com músicas que achava legal para curtir no Fuscão. Gostava de todo tipo de música, menos “música parada”. Gostava de ter marcas de biquíni, não para os outros, mas para si. Fez bronzamento artificial uma vez, mas não gostou de ficar parada numa máquina, sem gente em volta, sem poder tomar uma lata de cerveja enquanto a pele ardia.

Gostava de fazer as unhas uma vez por semana e de comprar sapatos que combinavam com as bijuterias. Gostava de livros de auto-ajuda, mas nunca conseguia acabar de lê-los – lá pelo meio já tinha uma idéia sobre o que o autor estava querendo dizer. Lia romances pela grossura da lombada, escolhia os mais finos. O último que havia lido, tinha lhe dado grande prazer: era uma história de amor e morte entre dois amigos de escritório, um “caso que havia ficado sem solução”. O livro chamava “Virgínia Berlim” e ela gostou do nome, já que tinha uma grande amiga chamada Virgínia, uma jornalista que trabalhou um tempo no jornal e largou tudo para ficar com um médico figurão.

Ela talvez largasse tudo, um dia, para ficar com alguém. Não fazia tanta questão de trabalhar. Era um trabalho como outro qualquer, o jornalismo. Era como cuidar de crianças ou ser manicure. Talvez por pensar assim, ela nunca se via como uma grande jornalista. “Acho que minha amiga Virgínia também pensava assim”.

...

Era meio-dia e Rafael desceu as escadas da seccional, a cabeça a mil, o estômago roncando de fome. Não esperou nem cinco minutos e Assis encostou o carro. Foram para o restaurante da rodovia, que era afastado do centro, sem gente importante, e servia pratos feitos a cinco reais.

...

De volta à concessionária, Monique chamou pelo ramal:

– Pedro, vem aqui.

Ela tirou o papel da impressora, apanhou o mouse, apagou o arquivo que estava salvo como “lista.doc”, limpou a lixeira e pegou de novo o telefone.

– Geneval, manda o meu computador para formatação. Apaga tudo o que está aqui e manda instalar o novo Windows.

Pedro entrou.

– Pega esse envelope e vai até o restaurante da rodovia. Lá, você vai encontrar um cara gordo. Pergunta se ele é o carioca e entrega isso pra ele. E vem embora o mais rápido possível.

– Tá bom.

E apanhou o envelope e já ia saindo.

– Pedro...

– ...

– O seu filho está bem?

Pedro engoliu seco e afirmou com a cabeça. Saiu.

Ele tinha um menino de oito anos com um problema grave de saúde. O garoto vivia dentro de uma bolha de plástico ou algo assim. Custava mais de três mil por mês manter o garoto naquelas condições. Era Monique quem bancava tudo.

...

– Assis, rapaz, você não vai acreditar no que aconteceu hoje!

Rafael era um sujeito muito, muito discreto. Nunca contava sobre nada, nunca saía por aí falando de pessoas, isso nunca foi dele. Mas a coisa toda, o cheiro, a cena vista pelo buraco da fechadura, aquela manhã tão inusitada colocou o baiano em parafuso.

– Eu tenho certeza que não vou acreditar. Conta!

– A Monique Kurtz... sabe? Da Sol...

– Sei...

– Ela esteve lá na delegacia... Foi falar com o dr. Lobo...

– E?

– Na verdade, ela não foi lá para “falar” com ele... Ela foi lá...

– ...

– Para dar pra ele!

E Rafael piscou com um dos olhos, como sempre fazia quando queria parecer esperto.

– Caralho!

Assis exclamou alto, pessoas em mesas do lado, a maioria caminhoneiros que não se espantam com esse tipo de palavreado, ergueram os olhos.

– E deu?

– Não posso dizer como eu sei... Mas que deu, deu!

E piscou de novo. Assis tentou montar um quadro.

– O Lobo tá investigando o desmanche, tem várias evidências que a Sol está envolvida, tem os números da concessionária anotados na mesinha, números dos telefones celulares da Monique e do Carlos, além de números de policiais, investigadores, empresários,

números de celulares do Rio de Janeiro, tudo muito estranho..

– ...

– E ela foi lá seduzir o Lobo para desencaminhá-lo do caso. Ou até, talvez, ela esteja muito envolvida na maracutaia toda.

– ...

– Eu não fui até o local, Valéria disse que não viu nada estranho... Mas achou que você viu algo que não disse para ela...

Rafael se engasgou com a rabada com batatas que comia.

– Ela disse, é?

– Disse.

– O que ela disse?

– Quem?

– A Valéria.

– Ah.

Assis percebeu que Rafael ficou um pouco envergonhado ao falar o nome da moça, suspeitou que o escritor pudesse estar interessado nela.

– Você gostou dela, é? Paraíba safado!

– Ué.

– Gostou? Ela é bonitinha, né?

– Rapaz...

– Ela faz seu tipo? Toda pequenina, é?

– Hehehehe

– Gosta de bucinha apertada, seu maníaco?

Os dois riram.

– Pois a Valéria disse que adorou você. Que te achou um cara legal, achou, ãhn, “fofinho” o teu sotaque. E que você é esperto e ficou observando tudo lá no desmanche e descobriu algo que não quis contar pra ela...

– Ela falou tudo isso?

Não tinha dito, mas Assis conseguiria pedir à Valéria que mentisse, caso houvesse necessidade, que, sim, ela tinha dito tudo aquilo.

– O que foi que você notou lá que não contou para a Valéria?

Como sabia que a informação podia mesmo ser muito boa e que provavelmente nem os investigadores da seccional iam se dar conta de notarem o que ele viu, Rafael fez algum charminho.

– Arruma um jeito de eu me encontrar com ela de novo.

– ...

– Pô, Assis, tou há anos aqui e só como puta. Não consegui arrumar uma namorada! O pessoal aqui é diferente de Salvador. Lá é só sair uma noite, ir até o Casquinha de Siri e arrumar uma neguinha...

– ...

– Aqui é foda. Tem que ter carro e sobrenome... E se eu falo que trabalho na polícia parece que digo que tenho lepra...

– ...

– Ela é repórter policial, né? Pelo menos não deve ter preconceito de polícia.

Assis riu um pouco. O cara estava mesmo interessado na garota.

– Eu falo com ela, dou um jeito de vocês se encontrarem numa outra matéria. Deixa comigo.

– Rapaz...

– Ei, sou seu amigo. Tou dizendo: vou fazer tua propaganda.

– ...

– Agora... vê se emagrece um pouco e pára de fumar. Porra, você já fumou três cigarros durante o almoço!

– ...

– Ser polícia já é foda, agora... ser gordo, fumante inveterado e fã dos Beatles... porra, você quer morrer sem filhos?

Os dois riram de novo, às gargalhadas.

– Agora me diz: o que foi que você viu lá e que te chamou tanto a atenção?

– ...

– Diz!

– Digo: laranjas.

“Caralho”, pensou Assis, “laranjas?”.

– Laranjas?

– É, laranjas.

– E que porra tem isso a ver com a história toda?

Rafael pigarreou para fazer a oblação.

– Ali não tem plantação de laranjas. Naquela área da zona rural se planta mudas ornamentais, café, um pouco de cana de açúcar... Laranjas é só mais para baixo, uns cinco ou seis quilômetros abaixo.

– ...

– Antes mesmo de chegar até o local, no caminho de terra que tem até o desmanche, vi laranjas caídas no caminho. Na entrada do desmanche, mais laranjas. Aí, dentro da salinha, tinha cascas de laranja pelo chão, bagaços, sementes. Vão achar que o pessoal que trabalhava ali levava laranjas para consumir. Mas eu não penso assim...

– Hmmm, e como é que você pensa?

– Penso que um caminhão com laranjas saía lá de baixo, subia, parava ali e eles tiravam algumas laranjas e colocavam as peças dos carros, motores, sei lá, e colocavam laranjas por cima e era assim que as peças vinham para a cidade.

– Boa teoria. Aí eles paravam o caminhão na frente da Sol Veículos, descarregavam as laranjas no meio da rua e tiravam as peças em plena avenida, aos olhos de todo mundo?

Rafael sorriu de leve, tirou mais um Carlton e acendeu.

– É claro que se tenho uma teoria, ela é completa.

– Então me diga, sábio teórico.

– A idéia me veio toda lá mesmo, no desmanche.

– Diga.

– Atrás da Sol Veículos, naquela rua estreita, paralela com a avenida... Tem o barracão de laranjas do...

– Do Beto!

– Do Beto.

– Do Beto do Jornal!

– Isso.

– Caralho!

Dessa vez a exclamação foi um grito.

...

A cinco ou seis mesas daquela onde Rafael e Assis estavam, o matador Anísio do Lírio comia o seu prato feito duplo, dobradinha com pururuca. Enquanto os dois amigos conversavam, teorizando sobre o desmanche, Pedro entrou, entregou o envelope e saiu rápido. Anísio continuou comendo impassível, sem mexer no envelope. Se ele tivesse aberto ali, ia ver que o primeiro, dos cinco nomes que devia exterminar era o do jornalista policial Geraldo Assis. Logo ele, que estava ali do lado.

...

O Beto tinha pequenos negócios além do jornal. Tinha esse barracão de laranjas, tinha uma lojinha de sapatos na região central e uma cafeteria que era tocada pela mulher. “Tem que arrumar trabalho pra mulher, senão ela arruma coisa pra nossa cabeça”, dizia, enquanto fazia chifres com os dedos em si mesmo.

Esse Rafael era mesmo um cabra esperto.

...

– Assis, eu preciso falar com você.

– Depois, Valéria. Eu preciso falar com o Beto. Cadê ele?

– Está ali na diagramação, disse que não acontece nada nessa cidade, que o jornal está uma droga, que as matérias estão fracas, que ninguém está se empenhando... Ele está uma fera, até de você ele já falou mal hoje.

– Deixa ele pra mim.

E foi procurar o patrão.

...

Os peritos da polícia viraram e reviraram a caminhonete dos Zanco e não encontraram nada que pudesse ter causado o acidente que matou toda família. Foi uma falha imperceptível ou falha humana. É o que saiu no laudo que foi enviado para todo mundo, famílias e imprensa.

...

Anísio entrou no carro e abriu o envelope. Estavam listados cinco nomes, a ordem era para matar, preferencialmente, pela ordem. Carlos tinha dado uma instrução para que Anísio copiasse com sua própria letra a tal lista, mas ele não ia fazer isso, quase não sabia escrever.

Ele sabia que devia fazer campana nas proximidades do jornal para fritar o tal Geraldo Assis, jornalista. A idéia era sempre bastante simples: dar uma olhada nas redondezas, chegar rápido e pipocar; virar de costas como se nada tivesse acontecido, entrar no carro e dar o fora. Sempre havia feito assim, nunca tinha

dado xabu. Ia fazer assim também com o repórter. No currículo, ele já tinha feito dois que escreviam em jornal.

...

O celular de Tata tocou e era raro que isso acontecesse antes das quatro ou cinco da tarde.

– Tata...

– Oi Carlucho...

Era assim que ela chamava Carlos Kurtz.

– Tata, tou excitadíssimo, tem um milhão de coisas acontecendo, preciso de uma trepada rápida... Como podemos fazer?

– Ah, eu posso te esperar ali na praça do relógio...

– Quinze minutos?

– Tá bom.

A traveca subiu correndo para o quarto e trocou a calça por uma mini-saia. Se o rapaz estava com pressa, era melhor não ter botões nem zíperes para atrapalhar.

Marta quis saber o que estava havendo e ela disse que tinha um encontro, mas seria rápido. “Acho que é só um boquete, mãe”. Algumas meninas chamavam Marta de mãe.

Em dez minutos estava na praça do relógio. Não demorou muito e encostou o último modelo, com vidros insulfilmados.

– Entra aí... Nem vai dar tempo de motel, tou sentindo que meu pau vai ficar duro, vamos num mato aí...

– Tá bom.

Ele tirou duas notas de cem e ela apanhou rapidamente.

Em poucos minutos, estavam em uma estrada de terra, uma plantação de cana, pegou um trecho ermo e encostou. O pau, meia-bomba.

– Vamos fazer de pé, fora do carro.

Ela saiu, ergueu a saia e baixou a calcinha. Ele pôde ver o pau grande da moça cair, também meia-bomba.

– Tata... Você bem podia botar uma buceta.

– Mas... É que é tão caro, Carlucho!

Ele cuspiu na mão e esfregou no cu peladinho dela. “Que bunda linda tem esse traveco! É ainda mais bonita que a bunda da Monique!”.

Respirou fundo, tentando se concentrar no ato, tentando endurecer o pau. Era estranho, não era que gostasse de cu, a coisa só funcionava mesmo com cu de homem. Tentava comer um cu de mulher de vez em quando. Tentou por meses comer o cu de Monique – e nada! Às vezes, uma ou duas vez por mês, o pau ficava meio duro e ele se pegava pensando numa traveca de quatro, o cu para cima, o pau caído abaixo. Geralmente batia uma punheta, já que a ereção não era suficiente para meter num buraco apertado. Procurando na internet, ficou sabendo de outros casos como o dele e descobriu uma clínica na Suécia que prometia curar esse desvio. Estava há quase dois anos com esse problema.

- Não ficou duro, Carlucho?
- Está ficando...
- Quer que eu chupe?
- Não atrapalha, Tata. Fica quietinha!

De olhos fixos na bunda bonita, com o saco e o pau da menina pendurados, Carlos batia uma punheta e sentia o sangue subir às têmporas. Achou que estivesse duro o suficiente, respirou fundo e meteu, sem camisinha. Se tentasse colocar, o pau ia murchar. Tata soltou um “ai” estratégico e teatral, bem colocado. Ele ficou com tesão e gozou logo.

O pau estava amolecendo rapidamente, quando Tata ousou:

- Bate uma pra mim?

Ele saiu rápido de dentro dela e ficou bravo.

– Fala isso de novo e nunca mais te como, passo a sair com a Janice.

- Pô, não precisa ficar bravo.

Tata era rival de Janice e Carlos sabia disso.

Entraram no carro.

- Carlucho, sabe por que eu não coloco buceta?

– ...

- Se eu colocar buceta, você começa a comer outro.

Ele ficou quieto.

...

- Beto, vamos falar sobre esse desmanche aí...

– Assis, vamos tocando de leve... Deixa o caso com a polícia.

Os dois conversavam em pé. Quase nunca sentavam para conversar.

– Beto, essa conversa vai ser séria, é provável que eu saiba mais do que você pensa.

– Sabe é?

– Sei.

Beto puxou a cadeira e se sentou. Apontou para que o amigo fizesse o mesmo.

– Você ta envolvido na história, né, Beto?

– Assis... olha... você não vai acreditar...

– Me conta.

O patrão fez ar de cansado.

– Assis, nós trabalhamos juntos há muito tempo. Sei dos teus podres, nunca te julguei, nunca questioneei os teus valores morais. Sei que você é um excelente profissional, fiel, competente. Não me importa que goste de espancar uns presos, comer um cu ou outro de algum delinquentezinho...

– Não faço mais isso... há muito tempo...

– Não sei. Não sei. Tem coisa que eu sei, mas faço de conta que não sei. Faço de conta que não sei que você estava junto com aqueles policiais na perseguição do roubo do carro forte, há cinco anos. Fecharam os caras na pista, queimaram os malacos e o dinheiro sumiu. Acompanhei de perto a ascensão social daqueles policiais...

– Eu não...

– Não disse que você pegou parte do dinheiro. Não disse isso e nunca vou dizer. Nem a você nem a nin-

guém. O seu juiz, Assis, é a sua consciência. Mataram os malacos e pegaram o dinheiro? Beleza, ladrão merece mesmo morrer! O dinheiro? Tinha seguro, que se fodam os banqueiros! Tá tudo certo; se você passou por isso com a cabeça tranqüila, tá tudo certo!

— ...

— Talvez tenha alguém lá em cima olhando tudo isso e cobre uma resposta nossa no final da vida. Mas talvez não tenha.

Passou a mão no telefone, discou o ramal da copa.

— Dona Odete, passa um café novo e traz aqui pra gente.

— Seu Beto, esse aqui eu acabei de passar...

— Dona Odete, eu mandei a senhora passar um novo. Faz o que eu mando!

Olhou firme para Assis.

— Agora eu vou te mostrar que você acha que sabe muita coisa. Mas que não sabe nada.

...

O coreano e seu motorista estavam sentados num banco de madeira. Eles já tinham conversado com o delegado, com um capitão da PM, com uma repórter... Sentiam que aquilo tudo ia dar em nada.

Sem contar que receberam a notícia impressionante que Tiago Zanco estava morto com toda sua família e a segunda parte do pagamento provavelmente jamais seria quitada.

O delegado tinha aventado a possibilidade de eles

terem se enganado, daquelas pessoas não serem policiais, de tudo não ter passado de uma invenção. O capitão fez uma checagem das viaturas nas ruas, questionou alguns policiais pelo rádio e ninguém sabia de nada.

A repórter ficou impressionada, sem entender direito o que tinha acontecido, usando seu inglês do Cultura Inglesa para falar com o coreano de sotaque acentuado.

Quando outros órgãos de imprensa ficaram sabendo e ligaram para o distrito, o delegado desestimulou a todos da história. “Um coreano estranho, parece que não bate bem da cabeça, dizendo que foi assaltado e acha que foi policiais!”. Ninguém mais apareceu.

A jornalista fez algumas poucas anotações e partiu para o compromisso das unhas. O motorista disse pro delegado deixar tudo quieto e ambos partiram.

Nunca mais voltariam àquela cidade maldita.

...

– Assis, vou te contar o que aconteceu na história desse desmanche. E vou contar porque quero. Quero, entendeu? E também porque você é meu amigo e pode me dizer o que acha que eu devo fazer. Quero também pedir a tua ajuda.

Assis se interessou ainda mais. Achava que a conversa fosse um cala-boca, mas tomava outro rumo.

– Há quase 10 anos a Sol Veículos é uma de nossas

maiores anunciantes. Tudo ia bem até o Carlos Kurtz se engrajar por essa menina, ela só tinha 17 anos quando eles começaram a namorar...

– A Monique...

– Isso, a Monique. Eles se casaram, começaram a frequentar a sociedade, começaram a molhar a mão do Antonio Evandro para aparecer na coluna... rapidamente, metade dos homens da cidade queriam comer essa princesa loira que era, agora, a dona da maior concessionária da região.

– ...

– Foi uma tara coletiva. Você não experimentou esse burburinho porque não gosta de buceta.

A dona Odete entrou enquanto ele falava “buceta”, mas fingiu não ouvir nada: baixou os olhos, serviu os dois cafés e saiu.

– Na maçonaria, Assis, só se falava da dona Monique. O tesão geral crescia à medida que ela parecia não se interessar por ninguém, a não ser pelo marido. Parecia apaixonada por ele. Ninguém tinha chance com ela.

– ...

– Porém, há uns dois anos, tivemos a notícia que ela estava visivelmente interessada por outro. Ela estava dando na cara, ia visitar o cara no trabalho, vivia puxando conversa com todo mundo sobre o cara. E ele era casado.

– ...

– Era o Tiago Zanco!

Assis engoliu seco e quase caiu na gargalhada. Riu, mas engoliu o riso, sem entender nada.

– Como assim, Beto? O Tiago comeu a Monique?

– Não, não comeu, todo mundo sabe que o Tiago era homem muito fiel, muito honesto com a dona Cristina, pai da linda Marcinha, que Deus os tenha todos em bom lugar...

Beto fez o nome do pai, Assis teve vontade de chorar ao se lembrar da morte do querido amor. Mas a conversa estava interessante, apesar de ele não ter a menor idéia de onde tudo ia dar.

– É até uma ironia que o desmanche da Monique tenha saído na mesma página da morte do Tiago...

– Caralho, Beto, não estou entendendo mais porra nenhuma!

O chefe acabou o café e pediu calma.

– Estou te contando a história de Dona Buceta, Assis. A história de como essa mulher conquistou a cidade quando percebeu que todos os homens daqui a desejavam...

– ...

– É uma boa história, ouça: as claras investidas da Monique sobre Tiago foram detectadas no mesmo momento em que apareceu a fofoca da impotência do Carlos. Carlos foi burro, procurou especialistas aqui da cidade, os médicos são todos maçons, os bodes todos ficaram sabendo. Teve início a corrida para ver quem ia comer a loiraça primeiro.

– ...

– Eu não sou um cara bonito, não tenho um grande tipo físico, nem cogitei entrar no jogo. Até que um dia, um bode chegou babão, dizendo que tinha metido ali, dando detalhes e dizendo que era o bicho! Era o ginecologista dela, disse que comeu dentro do consultório. Você conhece, é o Cristiano Paiva, aqui da rua de cima.

– Sei quem é.

– Foi ele. Parece que foi ele mesmo quem abriu a porteira. O marido não dava no couro e ela viu que os homens estavam de joelho. Partiu para o ataque...

Beto estava empolgado contando, mas fez uma repentina cara triste.

– Até decidir me atacar...

– Você?...

– Sim, eu comi ela. Ela veio até aqui, disse que queria falar comigo, mas tinha que ser num local privado, sugeriu um motel...

– Ufa! Assim, rapidinho, na cara dura?

– Sim. Imagino que se minha sala não fosse toda de vidro ela tinha me dado aqui mesmo!

– E aí? Como foi? O que aconteceu?

– Foi assim: cheguei no motel no horário marcado. Meu Deus, nem acreditava que ia comer a Monique! Fui para o quarto e fiquei esperando, olhando os minutos no relógio. Aí ela entrou, linda. Não consegui falar nada, ela começou... Disse que queria comprar meu barracão de laranjas, para aumentar a concessionária. Eu contei que não podia vender, o prédio está em lití-

gio, tem um rolo legal, não seria possível. Ela fez cara de desapontada, mas logo se recuperou. Disse que queria um favor meu, se eu podia fazer um favor a ela...

– ...

– Ela queria que meu caminhão de laranjas, o meu primeiro caminhão, das sete da manhã, passasse diariamente em uma chácara que ela tinha alugado, bem na rota do caminhão, para, todo dia, apanhar algumas peças e equipamentos para ela...

– Ah, Beto...

– Assis! Assis! Eu juro que foi assim. Foi assim que ela disse, foi assim que me pediu. E foi nisso que acreditei piamente! Acreditei naquele dia, naquele momento, com aquela mulher deliciosa na minha frente e acreditei por longos meses que o que eu estava fazendo era só um favor inocente...

– E quando descobriu que não era?

– Então...

Beto se levantou.

– Enquanto ela fazia o pedido para mim, começou a acariciar os peitos... tirou um para fora, um peito empinado, duro, de bico rosado. Lindo. Eu gaguejava que sim, faria o que ela quisesse. E aí ela caiu na cama, tirou minha roupa e montou em mim como uma louca. Gemeu, gritou meu nome, me fez falar o nome dela...

– Ela... estava gravando!

– Sim, ela tava gravando.

– Puta que pariu!

– Pois é.

Foi a vez de Assis se levantar, com a mão à boca.

– Avisei o pessoal do barracão que a Monique ia ligar e dar instruções e era pro pessoal obedecer às ordens dela. Eu não vou à plantação, não vou ao barracão, você sabe que minha vida é o jornal, venho pra cá cedo e saio à noite. Tenho meu pessoal que faz o trabalho, o barracão é uma maneira de movimentar um pouco o dinheiro, nem dá lucro...

– Sei...

– Avisei o meu pessoal e as coisas fluíram, nem fiquei sabendo de mais nada. Tentei marcar mais uma trepada com a Monique, mas achei que ela não tivesse gostado, não me atendeu mais. Um dia um motorista de caminhão que está comigo há muitos anos me ligou. Disse que estava achando estranho o que acontecia por lá. Eu nem me lembrava mais, demorou para cair a ficha. E me falou sobre as peças que era colocadas entre as laranjas, do trabalho que era feito durante a madrugada... Eles chegavam com os carros por volta de um ou duas da manhã, trabalhavam no desmanche até às seis e lá pelas sete passava o meu caminhão para levar tudo até o barracão. Uma conexão antiga entre os dois prédios servia para escoar as peças do barracão para a concessionária Sol – que vendia tudo a preço de novo, de zero, de original... muitas vezes trocava uma peça velha por outra mais velha ainda.

– Tivemos várias reclamações desse tipo aqui no jornal, Beto. Mas nunca pudemos cobrir por ser anunciante...

– Claro, claro, eu sei...

– ...

– Esse é um mundo injusto.

Passou a mão no telefone e falou de novo com a dona Odete.

– O caso é que eu fui falar com a Monique, depois dessa ligação...

– ...

– Peguei o carro e fui até lá. Falei com a secretária e ela me mandou entrar. Estava sentada em sua bela mesa de maná com um gravador digital na mão. Eu mal entrei e ela acionou o play – e ouvi minha própria voz grunhindo no coito com a vagabunda. Ela disse que ia continuar usando meu caminhão, que eu devia conter meu pessoal, senão ela ia até o cafezinho da Neusa e mostraria a gravação para ela e para minhas filhas e minha vida estaria acabada.

– Que vaca!

– E ela tinha razão.

– Mas... Esse esquema deve movimentar muita gente! O seu pessoal do barracão deve saber, os funcionários da Monique devem saber... Como ninguém dá com a língua nos dentes?

– O pessoal é muito humilde, Assis. Qualquer nota de cem e eles fingem que não viram nada, não sabem de nada. Você vai ver o que vai acontecer com essa investigação da polícia. Quer saber? É capaz de nem chegarem até meu barracão! E se chegarem, sou capaz de afirmar que ninguém fala. Ninguém!

Assis considerou, a dona Odete chegou com o segundo café novo.

– Ok, Beto, mas você não pode continuar nessa condição, certo?

– Certo. É por isso que peço teu conselho, tua ajuda.

Assis pensou um pouco. Achou engraçado o nome de Tiago aparecer na conversa sobre a Monique – que coisa! Não achava uma solução real para o impasse do patrão, mas era certo que ia ajudar. Agora, além de querer ferrar com o Carlos Kurtz, queria também ferrar a mulher dele. Sua lista de inimigos estava aumentando.

– Beto, vou pensar em algo.

– Por favor. Queria pegar aquela gravação, fugir dessa investigação. Veja o que pode fazer por mim.

– Vou pensar.

E foi para o banheiro, aliviar o intestino.

...

Anísio encostou o carro há dois quarteirões do jornal. Estava cedo ainda, ele sabia que o jornalista saía só tarde, mais tarde, talvez até bem tarde, de madrugada. Ele tinha o problema de não saber quem era Geraldo Assis, não tinha sua foto. O jeito era ficar por ali e tentar pescar alguma informação, algum fiapo de detalhe que fizesse alguma diferença. Andou pela calçada, observou os carros entrando e saindo da garagem do jornal, reparou bem no Gustavo, viu como

era posicionada sua guarita, anotou mentalmente detalhes que podiam ser úteis.

Cada profissão tem os seus pormenores.

...

O telefone de Rafael tocou e ele reconheceu de imediato a voz do outro lado.

– Me passa com o doutor Lobo, e rápido!

Era uma ordem clara da Monique. Ele gostava da voz dela.

– Olha, dona Monique, a senhora que vá tomar no olho do seu cu.

A clareza e a direção com as quais ele falou aquelas palavras deixaram a mulher do outro lado atônita e sem voz. “Mandar alguém tomar no cu devolve o foco para nossas vidas”, pensou o escrivão.

– O doutor Lobo não está. E eu não vou anotar recado nenhum, pois não sou funcionário seu nem da merda da sua concessionária.

E desligou o telefone.

Do outro lado, a mulher quis incluir mais um nome em sua lista.

...

De dentro do banheiro do jornal, um grito:

– Caralhoouooooooooo!

Toda redação ouviu.

Era, claramente, Assis. Ele só soltava uma exclamação assim quando tinha uma grande, grande idéia.

Carlos Kurtz botou o carro na garagem e se dirigiu para a sala de TV. Era uma sala enorme, com o mais moderno equipamento de som. Colocou um show no DVD, Creedence, ele adorava. Ligou o ar condicionado no máximo, estava calor.

Viu o violão no canto. Fazia anos que não pegava o violão.

Meteu a mão no bolso e tirou o saquinho de pó.

Sentou no chão, perto da mesinha de centro.

Que merda estava sua vida.

Passou-a na memória. Filho único e tardio de uma família rica, a mãe morreu primeiro, quando ele tinha 19 anos. Começou a trabalhar cedo com o pai, no negócio de carros, nem pôde estudar, fazer faculdade. Assumiu a concessionária quando o pai teve trombose e perdeu a perna. Enfiado na bebida, ele morreu quando o rapaz tinha 27, pouco antes de conhecer Monique. Ah, Monique! Como ela resgatou nele o desejo de viver!

Ela era linda, determinada, muito inteligente. Muito mais que ele. Ela falava com ele sobre as coisas todas. Ela o convenceu a conhecer a Europa e os museus. Ela ensinou a ele sobre administração, fez o negócio prosperar. Ele tinha a plena convicção que devia tudo a ela!

Ah, como eles tiveram anos lindos, os primeiros anos. Anos de amor e viagens e grandes trepadas. Anos de risos e cumplicidade.

Até que...

Como Monique ficou diferente a partir de certo período! Ela ficou distante, melancólica, rejeitava-o. Só queria trabalhar e ir a festas, sempre parecia procurar por alguém nos eventos, nos restaurantes. Parecia que ela o tinha pendurado ao lado, como um acessório. Como se procurasse nas multidões algum outro amor.

Foi nesse período que o pau começou a negar tesão.

Ela fugia um pouco dele ou trepava de maneira mecânica, com frieza. Ele sentia esse distanciamento nitidamente. Nesse período ele se afundou mais na droga e procurou outras garotas, nos prostíbulos, nas viagens de negócios. Monique fugia e ele ia atrás de outras. Até que achou que tivesse recuperado o tesão quando um amigo o levou ao Reduto da Marta e ele, bêbado e chapado, comeu o cuzinho de uma traveca. Ele ficou com tesão daquilo, a traveca parecia ter gostado.

Desde então...

Ah, como ele daria tudo para ter os primeiros anos com Monique de volta!

E foi para o pacotinho de pó.

...

Assis saiu do banheiro erguendo as calças.

– Beto, Beto...

Olhou em volta e viu que estava todo mundo de olho. Apontou a saleta de vidro do chefe.

– Beto... A Monique esteve na delegacia... Não me pergunte como eu sei disso, mas ela assediou o Lobo, o dr. Lobo...

– ...

– Ela... deu pra ele, assim, instantaneamente. E, se ela fez isso, provavelmente foi para poder gravar e ter o controle também sobre o dr. Lobo.

– Sim, claro. Ela deve ter feito isso com muita gente, a vadia.

– Pois então... chamamos o Lobo, contamos sua história para ele, conseguimos um mandato para prender a Monique e confiscamos suas coisas...

– Será...

– Tem que ser tudo muito rápido e sigiloso. Esperamos que ela deixe sua sala na Sol – ela deve ter as coisas todas lá, a seu alcance – e entramos e recuperamos o gravador, as gravações...

– É arriscado.

– Sim, arriscado. Mas se conseguimos podemos meter esse povo na cadeia, ela e o Carlos...

O Carlos? Será que ele sabe de toda mutretagem?

– E se...

– E se fôssemos falar com o Carlos? Pode ser que ele não saiba de nada e até nos ajude, para livrar sua própria cara...

– Ele é só um drogado impotente, um coitado...

Assis assumiu para si a coordenação, a amarração com o pessoal envolvido na história toda, no amplo plano da Dona Buceta.

– Pode ser uma boa idéia. Eu vou procurar o Lobo e o Carlos. Agora são quase cinco horas, antes das sete estarei com os dois aqui.

- Eu espero.
 - E, Beto... vou trazer também o Rafael Galvão...
 - ?
 - Um cabra esperto, que sempre tem boas idéias.
- Ele vai nos ajudar.
- Tá.

O jornalista foi saindo rápido, enquanto Valéria ia atrás gritando, “Assis, Assis...”

...

Anísio havia colocado um boné velho, bem enterrado na cabeça, e estava com uma jaqueta dupla, daquelas com uma cor dentro e outra fora, azul por fora, vermelho por dentro. Ele estava em um ponto pesquisado, perto da guarita de Gustavo, onde não podia ser visto pelo porteiro. Estava ali, paciente e com fé que logo conseguiria eliminar sua primeira vítima. Pelo descritivo na lista, esse era o mais difícil; o resto seria moleza.

Os ouvidos afiados e treinados de Anísio puderam captar o “Assis, Assis...” de Valéria – ela corria atrás dele enquanto ele entrava no carro e dava partida. Era o nome do homem que ele procurava. E o nome ficava mais nítido e claro, era uma mulher que chamava por ele, como se ele estivesse fugindo dela. Se ele estava fugindo, devia estar saindo bem rápido do jornal. A pé ou de carro?

Anísio agachou, ficou de cócoras, encostado na parede, na calçada, no limite do prédio do jornal, bem

próximo da garagem. Ouviu um carro saindo, acelerando, e a voz feminina chamando mais uma vez. E duas. E o portão se abriu. E o carro ia saindo. E Anísio só precisou esticar o braço para estar a não mais que dois metros de Assis. Da cabeça de Assis. E Assis não teve tempo nem de ver quem o alvejou. Um tiro só. Na cabeça. O barulho maior foi do vidro estilhaçando.

Um grito. Dois. Alguns.

Anísio, ato contínuo ao tiro, lançou o boné longe, saiu caminhando lento, ao dobrar uma esquina virou a jaqueta pelo avesso, apressou um pouco o passo, correu de leve e chegou ao Santana, que estava há três quarteirões dali. Zarpou.

A redação toda do jornal correu para fora. Beto tinha aquela expressão própria de quem está fora da realidade, a boca aberta, os olhos piscativos. Comerciantes chegaram. Curiosos. Até a chegada do socorro, em menos de 10 minutos, houve tempo só para alguém abrir a porta e ter a plena certeza de que o repórter estava morto. Muito vidro e sangue espalhados por todo lado.

...

Não demorou uma hora e quase todos os cem mil habitantes da cidade sabiam do atentado contra Geraldo Assis. Uns afirmavam que ele estava morto. Outros, que tinha o corpo fechado: se não morreu até agora, depois de enfrentar tantos bandidos, não seria um tiro covarde que ia acabar com a vida do corajoso herói.

A verdade é que a vida do jornalista estava por um fio. A mira de Anísio era certa. Mas...

Num instante muito específico, entre o tiro, o estilhaçar do vidro e a cabeça de Assis, o experiente repórter desviou, por susto, medo e reflexo, alguns milímetros. A bala atingiu o crânio, mas não o cérebro. Atingiu uma artéria cerebral, que o fez perder muito sangue, mas não foi em uma região exatamente importante – disseram os médicos.

Ele estava inconsciente, muito afetado, na UTI da Santa Casa de Misericórdia.

No Reduto de Marta, desespero geral.

...

O celular de Carlos Kurtz tocou várias vezes até que ele o encontrasse. Era Monique.

– Vamos tomar um champanhe hoje, benzinho?

– ...

– Acho que a lista está diminuindo.

Carlos estava chapado de coca, não atinou as palavras.

Antes que o marido cometesse a gafe de falar algo revelador na conversa telefônica, ela desligou.

Ele pensou em sair, ir até a concessionária, saber o que estava acontecendo lá fora. Mas percebeu que estava muito fora de si para sair. Controlou-se, decidiu tomar um banho e deu repeat no DVD.

...

Valéria queria ter contado a Assis algo que ela con-

siderou muito importante. E só poderia contar a ele. Pela primeira vez na vida tinha uma informação interessante e não sabia a quem contar ou o que fazer com ela.

Aquele cirurgião estrangeiro tinha vindo até a cidade para operar Tiago Zanco – e algumas pessoas tinham roubado tudo dele. O cara era esclarecido, não ia dizer que policiais chegaram armados e levaram tudo se isso de fato não tivesse acontecido! Um enorme POR QUE rondava a cabeça da jornalista.

Minutos depois de sair da delegacia, enquanto arrancavam bifos de seus dedos e passavam acetona fedida neles ela navegava em pensamentos etéreos tentando concatenar os fatos, procurando uma lógica neles.

Ela olhava o alicatinho arrancar as cutículas e tentava imaginar os equipamentos que teriam sido levados do cirurgião. Ela via o esmalte vermelho escorrer do pequeno pincel para as suas unhas e pensava em quem, maldição!, podia saber da presença daquele cirurgião ali, naquele local, com aqueles equipamentos – e quem podia ter interesse neles!?

Ficou apenas com dor de cabeça.

...

Beto chamou toda direção do hospital, pediu toda atenção para Assis. Ele estava uma pilha de nervos: achou que o repórter fosse resolver seu impasse com a história do desmanche e agora ele era um vegetal!

Já eram oito da noite, a redação em polvorosa, a Valéria fazendo, com o coração apertado, uma página principal com a foto do jornalista, de corpo duplo, mais fotos e um resumo de sua carreira. Parecia um obituário, mas o Beto quis assim. O Beto não perdia uma oportunidade de vender jornal.

Chegou a notícia de mais um assassinato. Mais um tiro na cabeça. Uma pessoa tinha saído para comprar pães, lá na baixada. Era uma ninguém, não podia ter conexão com o crime de Assis. Era uma traveca. Tata.

“Nem ligue para isso”, disse o diretor de redação. “Dá uma nota”.

Valéria com a cabeça num turbilhão, considerando as conexões entre a traveca, Assis, Tiago e o estrangeiro na delegacia.

...

Quando o telefone do escrivão tocou, ele pensou em não atender. Já estava com o computador desligado, era o único na delegacia. Queria ir embora dali, voar para o apezinho, botar um disco e relaxar as costas. Atendeu, usando uma tática simples: mudou a voz.

– Queria falar com Rafael Galvão.

Ele reconheceu, era a jornalista – e corrigiu a voz.

– Estou desesperada. Assis tomou um tiro, está no hospital. Descobri umas coisas meio estranhas, preciso falar com alguém.

O final da tarde tinha sido complicado para ele, colocou em ordem alguns relatórios, ficou focado no

trabalho e quase não deu atenção quando alguém falou que uma tentativa de homicídio tinha sido registrada, causando certa correria no distrito.

– O Assis?

– A cidade toda está em polvorosa. Agora teve outra morte, pode ter relação ou não... O fato é que não tenho com quem conversar...

– Você já está saindo? Pode me apanhar aqui?

– Saio em uma hora, talvez um pouco mais...

– Eu espero.

Sentou, ligou o computador e começou a ligar para alguns contatos, para saber qual a real situação do amigo. Ficou sabendo que ele estava por um fio.

...

O início de noite foi violento na cidade. Mataram um caminhoneiro que transportava laranjas e também o capataz do galpão do Beto.

Anísio ia riscando mentalmente os nomes e faltava apenas um. Ou melhor: uma. Ele não gostava de matar mulheres, mas a grana tinha sido muito boa e o contratante devia ter motivos de sobra para querer a própria esposa morta. Era Monique Kurtz o quinto nome da lista.

Ele tinha o endereço dela, o endereço da Sol Veículos, o número da placa do carro dela e uma foto, um recorte de jornal onde ela aparecia ao lado do marido.

Passava das nove e meia da noite quando ele parou

num posto de gasolina insuspeito, abasteceu o Santana e perguntou onde ficava a concessionária – sempre virando o rosto quando falava com o frentista, disfarçando a voz, entortando o nariz. Métodos de matador.

...

Monique estava na concessionária, em sua ampla sala. Estava quase sozinha: no andar de baixo, Pedro estava atento, com um poderoso binóculo nas mãos, a pedido da patroa. Ela havia dito que talvez um homem perigoso a viesse procurar. Aquele homem para quem ele havia entregue um envelope. Ele devia comunicá-la imediatamente sobre qualquer alteração na rua, qualquer carro estranho com placas de outra cidade. As portas da empresa estavam fechadas, as paredes de vidro fumê não permitiam que os transeuntes vissem o interior da concessionária se as luzes estivessem apagadas. E estavam. Pedro se encolhia em uma confortável cadeira, com um pouco de medo, querendo ir embora dali o quanto antes.

Mas não era apenas Pedro quem estava por ali, cuidando de Monique.

Na esquina, dentro de um carro blindado da polícia civil, o delegado Lobo também se colocava atento. Monique tinha contado uma história estranha, mas plausível: o marido teria contratado uma pessoa para lhe matar. A impotência de Carlos aliada ao seu vício e à tara por travestis, a perda constante da confiança na mulher e, por fim, a descoberta do desmanche que

abastecia a concessionária e lhe proporcionava lucros exorbitantes tinham feito o marido perder o juízo.

Para convencer o próprio delegado a lhe dar cobertura nesta noite ela jurou que iria depor contra o marido e ia relacioná-lo ao atentado contra Geraldo Assis. Quando ela lhe contou tudo isso, Assis ainda não havia sido baleado e o delegado não lhe deu confiança: achou que ela também pudesse estar desequilibrada, sob efeito de drogas, paranóica. Inicialmente disse que ia ver o que podia fazer – e nem alertou o repórter sobre o possível atentado. “Coisa de maluca, ninfomaníaca de merda”, pensou. Mas quando recebeu a ligação de outro delegado, da jurisdição do jornal, falando do atentado, achou que devia dar crédito. Ele estava com o celular ligado, esperando uma ligação dela ou de um tal Pedro, informando sobre o destino – ou pistas – de um certo Anísio do Lírio, matador carioca.

“Se boto as mãos nesse sujeito, corro direto para a fama”, pensava o policial. E pensava também em mais uma bela trepada com a loiraça belzebu.

...

Marta tentava manter a calma em meio à histeria geral na casa. O que havia acontecido?

Primeiro Tiago morre num terrível acidente. Depois Assis sofre um atentado e, na sequência imediata, Tata morre com um tiro certeiro na cabeça, coisa de execução!

Ela tremia. Assim que abriu a porta e uma das meninas entrou correndo anunciando que Tata havia sido morta na esquina, na padaria, o corpo ainda estava lá, no chão, ela se cagou um pouco. Acreditou imediatamente na história, ao invés das meninas que começaram a gritar e saíram para conferir. Ela não foi lá.

Marta não acreditava em acaso ou maldição. Tinha uma lógica por trás disso tudo e ela era experiente e esperta o bastante para juntar as peças.

Tiago não era muito chegado a Tata. Nem Assis. Janice era uma espécie de rival da traveca, mas achou que isso não tinha importância. Onde estava, onde estaria o elemento de ligação?

Depois de muito pensar, tremendo e sentada no sofá, lembrou da pergunta de Assis. Lembrou exatamente de sua expressão, sentado na mesa do almoço, no dia do enterro de Tiago. Ele havia olhado para Marta e perguntado:

– Marta... Por acaso o Carlão Kurtz tem vindo aqui?

...

Todos deixavam a redação, mais cansados e tristes que o habitual. Beto dava a última checada nas coisas, já batia as dez horas.

Valéria decidiu se despedir do chefe.

– Tchau, Beto.

– Valéria...

– ...

– Você fez um ótimo trabalho, a matéria ficou ótima.

– ...

– Senta aí um segundo.

A moça engoliu seco. Primeiro porque estava cansada, com fome e já atrasada para apanhar Rafael. Segundo porque as idéias estavam embaralhadas e ela podia se atrapalhar na conversa com o experiente patrão. E terceiro... Ela não gostava do Beto, não gostava de falar diretamente com ele. Agora estavam a sós, os dois ali, na sala de vidro.

Ele foi direto:

– O que está acontecendo aqui?

– ...

– O que aconteceu aqui? Quem atirou no Assis? O que você sabe que eu não sei?

Ela ameaçou chorar e contar tudo. Engoliu algumas palavras.

– Beto... Você não pode me pedir que eu revele segredos de pessoas, que eu conte intimidades que talvez saiba e que podem ter alguma relação com isso...

– Valéria...

– Eu estou assustada, não sou uma jornalista experiente, as idéias estão confusas em minha cabeça...

– ...

O celular do Beto tocou, em cima da mesa. Era um de seus funcionários, do galpão de laranjas. Ele estava assustado.

– Mataram o Osmar e o Cardoso, Beto.

– Quê?

– Mataram os dois. Os dois! Em poucos minutos, com tiros na cabeça. O Osmar tava dentro do caminhão, no cruzamento do Anel Viário, alguém encostou, saiu para pedir uma informação ou algo assim... E deu um tiro. Ali é escuro, viram que era um carro grande...

– Meu Deus!

– O Cardoso desceu do ônibus, tava indo pra casa...

– Meu Deus!

Beto sentou, estava pálido como uma folha de papel. Valéria, que só ouvia os “Meu Deus!” começou a chorar, achando que Assis tivesse morrido.

Ele afastou o bocal do telefone. “Não é o Assis”.

– Tá todo mundo com medo, acham que todo mundo vai morrer, que vão apagar todo mundo!

– Onde você está?

– Estou em casa. Com as portas trancadas, minha mulher e as crianças estão chorando...

– ...

– Tá todo mundo ligando aqui, ninguém sabe o que fazer... Todo mundo acha que é por causa das peças... do desmanche do Kurtz!

Beto não sabia o que dizer.

– Fala pra todo mundo ficar esperto, em casa, não atender telefone, não falar com a polícia, não ir trabalhar amanhã. Fica todo mundo em casa, eu ligo para você dando instruções...

– Será que vão me matar?

O homem estava mesmo desesperado, soluçando. Beto tentou confortá-lo.

– Tranca tudo, apaga as luzes e liga pra mim se reparar em algo estranho. Fale pra todo mundo ligar pra mim... caso seja preciso.

Ele estava confuso. Desligou a ligação e desligou o celular.

O encarregado pelas rotativas, um rapaz alto e magro chamado Fred, bateu na porta de vidro, colocou a cabeça dentro da sala e perguntou:

– Pode rodar a edição, seu Beto?

Ele estava com a cabeça baixa, as mãos enfiadas na cabeça. Valéria chorava sem saber o que estava acontecendo.

De súbito, algo lhe passou pela cabeça. Ele se ergueu. Era como se tivesse tomado uma grande decisão, a decisão de toda sua vida.

– Segura a edição. Eu vou escrever uma coisa.

...

Carlos Kurtz estava mais calmo, de banho tomado e robe de chambre. O nariz escorria. Fez uma bebida com Carpano, limão e muito gelo. Olhou no relógio e se assustou com o horário. Teria acontecido algo a Monique? Ligou.

– Carlos, tou acabando algumas coisas aqui...

– Você disse que queria tomar um champanhe. Coloquei um no congelador...

– Esse final de ano está terrível, vendemos muitos carros hoje. Daqui a pouco estou aí.

– Tá.

– ...

– Tem alguma notícia sobre o...

Antes que o idiota do marido pudesse completar a frase, ela desligou.

...

Beto liberou Valéria, que foi ao encontro de um cansado e frustrado Rafael Galvão na delegacia.

Sentou no computador e escreveu em maiúsculas: BANHO DE SANGUE NA CIDADE – MEA CULPA.

E se pôs a escrever a história de seu barracão de laranjas, de como operava o desmanche, da história erótica – contendo as tintas sexuais – com Monique Kurtz, da “suposta” gravação que ela teria feito de um encontro “casual” que tiveram, das mortes terríveis que seus dois funcionários sofreram, do atentado a Geraldo Assis.

Tudo podia ter ligação, segundo seu texto. E ele tinha uma grande parcela de culpa naquilo tudo. Mas os crimes bárbaros, as vidas ceifadas, não podiam ser atribuídas a ele. Quem estaria por trás de tais atrocidades?

Ele pedia desculpas à sociedade, à Gran Ordem Maçônica, ao prefeito, vereadores, juízes, à mulher e às filhas e acabava o texto afirmando que essa mea culpa pública era a prova da “honestidade de consciência” – ele chamou assim – de “um homem que lidera um jornal como uma profissão de fé, em prol da democracia e da justiça”. “Não vão me calar ou calar esse jornal”.

Estava vertendo copiosas lágrimas quando chamou o chefe das rotativas.

...

Rafael entrou no fusca de Valéria, olheiras grandes debaixo dos olhos dos dois.

– Foi o dia mais estranho da minha vida.

E foram pro apartamento dele.

...

Anísio deu algumas voltas pela avenida, olhando para o prédio grande da concessionária. Será que ela ainda estava por ali? Em cima, um luz acesa.

Ele tinha feito tudo muito rápido, queria liquidar o serviço e sair daquela cidade quente e infernal.

Podia, quem sabe, deixar essa Monique para o dia seguinte. Mas era certo que, naquela altura, a polícia já estava nas ruas à caça de um matador. Não gostava de ser caçado, mas tinha sangue frio e seus métodos. O dinheiro, tinha recebido antes e deixado para a mulher. Se fosse pego, nada o ligaria aos crimes – exceto a arma, que tinha que dispensar de maneira rápida e eficaz. Era somente essa sua preocupação. O carro roubado seria um problema, mas podia abandoná-lo e fugir para um meio de mato qualquer, andar por uns dias, vagar sem documentos, algum dinheiro na meia. Ele sabia o que fazia.

Enquanto subia e descia a avenida, pensando sobre a ação seguinte, cogitou apanhar a rodovia e voltar

para o Rio. “Que se foda, já apaguei quatro, pelo que ele me pagou, está bom demais!”. Seria muito bom ir embora, chegaria em casa pela manhã, dispensaria o carro, ia gastar um pouco de dinheiro com coisas que valem a pena.

Mas apagar a quinta vítima seria um recorde. Cinco em apenas um dia, sem rastro, sem vestígios! Daria uma espécie de satisfação profissional que só se vê em corretores de seguros que completam as metas de venda antes da segunda quinzena do mês.

“Vou apagar essa dona e ir embora feliz”.

...

Crianças brincavam no pátio do condomínio popular, fazendo muito barulho – o que deixou Rafael sem jeito. Era um condomínio muito grande, de predinhos iguais, cheirando a gordura de cozinha, urina e fumaça de cigarros baratos. Estava tarde da noite e uns tipos estranhos fumavam coisas igualmente estranhas ali, do lado das crianças.

Ele morava no quinto andar e não havia elevador. Ele foi na frente, não queria subir as escadas com o nariz enfiado na bunda de Valéria. “Na bela bunda de Valéria”, pensou.

O apartamento tinha a arrumação de um paranóico, tudo guardado à exatidão. Valéria reparou, embora a impressão fosse de que ele não era acostumado a receber pessoas ali. O celular dela tocou.

– Oi mãe.

Ela explicou que estava tudo bem, que ela estava na casa de “uma amiga” e que talvez não voltasse para casa já que estava muito cansada e assustada. Quando deu essa informação para a mãe, olhou para Rafael e deu um sorrisinho – ele entendeu.

A mãe disse que o pai estava preocupado, que era para ela se cuidar, quis saber como estava o Assis, quis informações sobre a tal amiga, mas ela foi esperta, desconversou, disse que precisava descansar.

Rafael ligou o som baixo, uma música relaxante que ela achava que não fosse Beatles.

– Lado B de “Yellow Submarine”.

Ela concordou com a cabeça, sem ânimo.

– Quer tomar um banho quente? Quem sabe alguma roupa minha não cabe em você?

Ela aceitou.

...

Pedro, na vigia, contou quatro e depois cinco vezes que o Santana subiu e desceu, passando em frente à concessionária. Tocou para a patroa. Ela ligou para o dr. Lobo.

– Eu vi esse carro. Será que é ele?

– Tente ver a placa e me diga.

– Ok.

O delegado ligou o carro e ia saindo quando reparou que era o Santana que vinha lá embaixo, subindo a avenida. Ele deixou o carro passar e saiu – mas ficou surpreso ao ver que o suposto matador parou de súbito em frente à Sol Veículos.

O policial tinha que pensar rápido. Pensou inicialmente em duas alternativas: ir até a rotatória, lá em cima, voltar, parar do outro lado da avenida, atravessar a pé e abordar o homem ou parar ali, exatamente ali, ao lado do Santana, no meio da avenida movimentada e abordar o suspeito de arma em punho, podendo causar um tiroteio ou um acidente – ou mesmo levar um tiro desavisado.

Uma terceira alternativa, que ele achou mais prudente, era fazer o contorno lá em cima, descer toda avenida, contornar mais uma vez lá embaixo e parar atrás do Santana – talvez o homem tivesse saído do carro e ele teria vantagem.

Ou o homem podia fugir no período em que ele fazia todo traslado. Ou, ainda, o homem podia, nesses minutos, entrar na concessionária e matar Monique.

Todas essas alternativas e possibilidades passaram pela cabeça do delegado em questão de segundos.

La arriscar fazer os contornos, não achou que o tal matador tivesse tempo hábil para entrar na concessionária e executar Monique – “Como poderia? Como ele vai entrar se está tudo fechado e o tal Pedro está lá dentro?”.

Ao passar ao largo de Anísio, olhou de soslaio, mas profundamente – como fazem os delegados – para o homem no volante do Santana. Ele não tinha cara de matador, mas as teorias de Lombroso já haviam sido refutadas há muito.

Acelerou para tentar fazer todo percurso no menor tempo possível.

Pedro, lá dentro, tocou no ramal de Monique avisando, baixinho, que o carro havia parado lá na frente. A sala da patroa estava trancada, ela não estava com medo, sabia que o homem teria que matar duas pessoas, antes de chegar a ela e ela podia ainda fugir pelos fundos, numa passagem de sua sala, através do banheiro, que dava na oficina.

Estava tudo muito claro em sua mente diabólica: ela iria posar de vítima, de qualquer maneira. O marido contratou a limpeza, o dono do jornal estava de conluio com o marido, descobriram que ela tinha um caso com o delegado... As informações fechavam direitinho dentro de sua cabeça.

O que ela queria mesmo, de fato, era que o delegado matasse Anísio. Ele e ela virariam heróis, o marido seria preso, Beto se manteria calado por conta da gravação sexual. Se o planejado acontecesse, ela herdaria a concessionária e se tornaria a mais rica e desejável mulher da cidade.

O que ela não contava era que, lá na baixada, na rua do Galo, uma traveca velha e gorda ia se meter em seus planos.

...

Havia uma certeza quase palpável de que a mulher tramava algo que ele não sabia – mas nada podia fazer. Carlos abriu mais um papelote de cocaína e olhou com os olhos vítreos a coleção de DVDs. Não achou nada que pudesse servir para aquela situação de ocaso.

Abriu uma portinha na estante onde guardava os vídeos de sexo e pensou em colocar um gangbang com Rocco Sifredi – mas isso aumentaria a sua melancolia. Não queria colocar um filme com travecas – “Meu Deus, não agüento mais ver paus pendurados em cus arreganhados!”. Nada ali o satisfazia. Não tinha mais satisfação no mundo.

Encontrou, lá no fundo, a gravação do seu casamento com Monique. Aquele dia feliz. Colocou o DVD e enfiou o nariz no pó.

...

Rafael achava que cozinhava bem o miojo com ervilhas. Ele tinha inventado uma receita que ia manjerição desidratado e uma lata de ervilhas e fez o macarrão rapidamente enquanto Valéria tomava o banho. Ela vestiu uma calça adidas dele e colocou um suéter xadrez, de mangas compridas, que não combinava com o calor – mas, ora, ela não estava exatamente com calor: os fatos do dia faziam com que ela sentisse continuamente um desconfortável tremer.

A fome contribuía para isso e ela teve uma certa satisfação ao sair do banheiro e encontrar a mesa posta e o cheiro agradável do manjerição.

– Pode se servir, eu também vou tomar um banho.

Ela não pensou em ser educada, não disse que ia esperá-lo.

...

No hospital, já quase onze da noite, chovia. Era o único ponto em toda cidade que o acúmulo de cúmulos nimbos provocou uma chuva rápida de verão.

Um trovão pequeno fez com que Assis recobrasse a consciência. Ele estava sedado, tinha recebido morfina, reparou que a cabeça estava enfaixada, um olho também. Não sentia as pernas e os braços estavam dormentes. Sempre que se deitava durante muito tempo com a barriga para cima, os braços ficavam dormentes. Mas não ia conseguir se virar.

A chuva batia no vidro e ele achou que muito tempo havia se passado. Muito. Talvez um ano.

O que teria acontecido com tudo? O que teria acontecido com a cidade?

Pensou isso num momento e apagou novamente.

...

Marta venceu a curiosidade das meninas, a desordem que havia tomado conta do Reduto. Amigos das travecas, vizinhos, parentes, muita gente se juntava nos cantos, abrindo a geladeira e pegando bebidas, o descontrole geral.

Janice estava desfalecida no sofá, cansada de chorar e pensar na crueldade do mundo.

Marta chegou ao seu quarto. Abriu com a chave, encontrou outra chave, do cofre. Abriu o cofre pequeno, que ficava dentro do guarda-roupas. Pegou todo dinheiro, cerca de dois mil reais. E uma pequena pistola de duas balas, gatilho duplo, de madreperla,

quase um brinquedo, presente de um namorado de seus tempos de glória.

Apanhou o telefone ao lado da cama e chamou um táxi. O Honório, taxista amigo. Colocou um casaco, enfiou a arma e o dinheiro no bolso, trancou tudo de novo e desceu discreta, enquanto o carro estacionava para apanhá-la.

...

O Capitão Coriolano, da Polícia Militar, era experiente, mas nunca tinha visto algo como aquele dia. Primeiro, houve o assalto ao coreano, aquela história estranha. Depois, o atentado ao Assis – seu grande amigo – a morte da traveca e dos dois funcionários do barracão de laranjas do Beto... Nada fazia sentido.

A única coisa que ele sabia era que apenas uma pessoa estava por trás de tudo. Os tiros únicos e certos na cabeça, aparentemente o mesmo calibre...

Ele havia chamado alguns policiais que estavam de folga, colocou gente a mais nas saídas da cidade, pediu atenção para todos que estavam de plantão. Mas não podia fazer mais.

...

Enquanto o carro do delegado passava ao largo do Santana, pronto para subir a avenida; enquanto o dr. Lobo já quase via o homem descer do Santana em atitude suspeita, um táxi colou em sua traseira. Ele olhou pelo retrovisor rápido e viu um táxi e pensou

que tinha que parar e abordar o suspeito, não podia se dar ao luxo de subir e descer a avenida enquanto tudo acontecia logo ali.

Assim, quando ele freou brusco, no meio da avenida, o táxi bateu atrás – exatamente em frente à concessionária Sol Veículos. Dentro de sua sala, lá no primeiro andar, Monique Curto ouviu o baque. “Isso foi uma batida, não um tiro”.

O delegado Lobo assustou. Ele estava preparado para descer do carro de arma em punho e abordar o matador instantaneamente. Em mais uma decisão rápida guardou a arma e desceu do carro como para resolver o acidente com o taxista apressado. Tentou nem dar ares de tira.

Marta e Honório desceram do carro, que também ficou parado no meio da avenida. Rapidamente, outros carros pararam atrás e começaram a buzinar e a pedir que os carros desobstruíssem o trânsito.

Anísio, o matador, com a arma na cintura, via o acidente incrédulo. “Que estranho”, pensava. O dr. Lobo quis falar rapidamente com o motorista, fazer a situação ficar a seu favor e abordar o matador – que não o conhecia – de maneira inusitada. Honório achou que havia sido mesmo só um acidente, o homem à sua frente havia cometido uma barbeiragem, parou repentino. Mas Marta sabia que havia algo errado com o quadro.

Quando entrou no táxi de Honório disse que queria passear um pouco. Disse que queria passar pela frente da concessionária Sol e depois dar uma volta lá pelos

lados do condomínio Morada de São Sebastião, onde sabia que morava Carlos Kurtz. Ela sabia que não iam deixar um travesti num táxi entrar no condomínio; a idéia era dar uma volta, arejar as idéias, tentar encontrar Carlos Kurtz ou algum amigo dele ou mesmo Monique que ela, Marta, acreditava não ter nada a ver com o atentado a Assis ou a morte de Tata.

Marta, experiente, queria saber o que diziam as ruas. Por isso pegou o dinheiro: para poder pagar por informações. Por isso pediu para Honório passar pela concessionária: para “sentir o clima”.

Ela sempre dizia que as bonecas têm sexto sentido.

E quando ela viu o delegado dr. Lobo descer do carro da frente, desse mesmo carro que parou abruptamente, ela soube que tinha algo errado no quadro.

Ela conhecia o delegado, claro. Ele já havia tentado fechar o Reduto. Ela lia os jornais. Ela o achava bem bonito.

E era ele quem descia do carro e vinha em direção dos dois, dela e do Honório, no meio da avenida, ao lado dos carros batidos.

– A culpa foi minha, me desculpe, podemos falar ali na calçada?

– É melhor a gente tirar o carro daqui... o pessoal quer passar.

– Vamos conversar ali na calçada...

O dr. Lobo queria chegar perto do suspeito, agora mais suspeito ainda, com a mão dentro da calça, como se segurasse uma arma.

O Santana de Anísio estava em posição privilegiada, ele podia entrar no carro, sair dali e seria uma derrota para Lobo, que não podia empreender uma perseguição a esse homem que ele não sabia quem era. Podia ser um qualquer, um homem comum. Tinha cara mesmo, pensou naquele instante, de um garçom de churrascaria.

Marta cheirou a situação. Com a voz baixa, se aproximou do dr. Lobo:

– Eu te conheço, você é delegado, está acontecendo alguma coisa aqui. O que quer que a gente faça?

Lobo olhou atentamente para ela.

– Vamos até a calçada, vamos sair do meio da rua.

Lá embaixo, carros buzonavam. Foram os três para a calçada e não estavam a mais de dez metros de Anísio do Lírio, que observava tudo atentamente, mão dentro da calça. Começaram uma discussão provocada pelo dr. Lobo, que disse com agressividade que a culpa foi do motorista. Eles ameaçaram se atracar. Dentro do casaco, Marta segurou a pistola.

Foi a vez de Anísio suspeitar do quadro – e o assassino começou a se mover devagar para o Santana, olhando de soslaio.

Lobo sacou a arma.

– Polícia! Parado aí!

Marta também sacou a arma, dando alguns passos para frente, em direção a Anísio. Ambos apontavam para o matador, que leu a postura dos dois enquanto a mão empunha a arma, encaixada na virilha.

Anísio estava na mira dos dois. Mas era mais matador do que os dois jamais poderiam sonhar em ser: sacou rápido e atingiu o dr. Lobo no ombro, atirando-o longe. Lobo disparou, mas seu tiro encontrou apenas o negror da noite quente de novembro.

Mal o delegado caiu no chão e Anísio já disparava contra Marta, que também disparou. O tiro dele arrancou a orelha esquerda da traveca e as duas balas da pistola pequena de Marta estouraram dentro da cabeça do terrível matador do morro do Lírio, que caiu inerte.

Os carros pararam de buzinar.

Dentro da concessionária, Monique Curto estava escondida, encolhida, numa sala apertada e quase secreta dentro da oficina, entre graxas, peças clandestinas e ratos.

...

O filme do casamento ia chegando ao fim e algumas lágrimas escorriam do rosto dele. Sentiu uma fígada no peito. Outra.

Soltou um ganido abafado. Depois o silêncio.

Não havia mais tratamento que desse conta de qualquer problema dele. Ele não tinha mais nenhum problema.

...

Valéria já tinha acabado de comer quando Rafael começou. Então, ela se pôs a falar.

– O Assis e o Tiago Zanco iam ficar juntos.

– ...

– Eles eram apaixonados.

– Caralho!

Ele ficou um pouco embaraçado por ter dito o palavrão.

– O mais importante é que parece que essa paixão dos dois foi o que detonou todo o resto.

– ?

– Tiago ia fazer uma operação de mudança de sexo. Trouxe um dos melhores cirurgiões do mundo para cá, esse coreano que teve todo equipamento roubado...

– Fiquei sabendo dessa ocorrência.

– O roubo do material do coreano parece não ter relação nenhuma com o atentado de Assis... Não conse-guimos entender o que aconteceu nessa ocorrência, estava todo mundo muito maluco na delegacia. O co-reano e o motorista dele insistiam que policiais tinham roubado tudo...

– Talvez ladrões vestidos de policiais.

– Pode ser.

– Pode ser.

Valéria falava e Rafael comia olhando o jeito da garota, o jeito de menina dela, querendo ser esperta.

– O descobrimento do desmanche também foi acaso. Parece que tudo tem uma conexão oculta, mas...

– Algo me diz que é a Monique Kurtz quem está por trás de tudo.

– Não sei...

Veio a imagem da loiraça trepando com o delegado, e ele ficou excitado.

– As coisas estão todas embaralhadas na minha cabeça. Não consigo juntar as peças.

A voz ficou embargada, ele achou que ela fosse chorar e tentou desviar o rumo da conversa.

– Olha... o que quer que tenha acontecido ou esteja acontecendo, eu acho que você não deve se cobrar ou achar que pode resolver as coisas...

– ...

– Veja: eu e você somos só peças pequenas dentro desse tabuleiro grande de relações e conexões dessa cidade...

– ...

– O que quer que esteja acontecendo está além de nós. São pessoas que escolheram jogar esse jogo: isso não tem a ver com a gente. Sempre penso assim quando vejo um crime bárbaro lá no distrito, um filho que mata o pai ou qualquer coisa desse tipo. Eu não decidi jogar esse jogo: eu sou um cara tranquilo que quero fazer meu trabalho e chegar em casa e ouvir meus discos, ler meus livros...

– Sabe...

– ...

– Acho que com o jornalismo é diferente... Sempre esperam que a gente resolva algo, tenha uma opinião sobre as coisas. E quase nunca sabemos tudo o que está acontecendo.

– Nunca sabemos.

Fizeram um silêncio tranqüilizante.

– Parece que dois funcionários do Beto, lá do barracão de laranjas, foram mortos hoje.

– Nossa!

– É, as coisas parecem ter fugido do controle na cidade hoje.

– ...

– E aqui estamos nós, confortáveis, comendo macarrão instantâneo.

Ele riu. Teve vontade de levantar e ir até ela e abraçá-la. Mas não era tão determinado para as coisas do carinho e do coração.

...

Beto estava sentado no sofá da ampla sala de sua casa, copo de uísque com gelo na mão, olhar desolado. A mulher e a filha dormiam, como sempre. Elas sempre estavam dormindo quando ele chegava.

Questionava se havia feito o certo com aquele editorial confessional, com aquela atitude tão sentimental. Ele pensava em acordar a mulher, conversar com ela, antecipar o que ela leria no dia seguinte.

Ele estava confuso.

E alguns minutos pesados se passaram.

Até que o celular vibrou no bolso. Ele apanhou e reconheceu o número. Era o Fred, o chefe da impressão.

– Beto...

– Oi.

– É...

– Diga.

– É que ligaram aqui dizendo que teve um tiroteio feio na frente da Sol veículos, tem gente morta...

– ...

– Dá pra abrir a edição ou rodar algo à parte, talvez mereça dar uma olhada.

O coração de Beto gelou.

– Vou pra lá, pára tudo aí.

Pensou que deveria dar um bom aumento para o Fred.

...

Carros da polícia, três viaturas do resgate, duas ambulâncias, todos com os giroflex ligados, davam um ar de filme hollywoodiano à cena defronte a concessionária.

O delegado foi atendido e levado rápido para o pronto-socorro; o tiro tinha atingido entre o pescoço e o ombro, ele perdia muito sangue, mas os paramédicos descartaram risco de morte.

Sentada na calçada, encostada num muro, com as pernas abertas sem pudor, Marta era atendida por uma equipe que limpava e fazia o curativo em sua orelha esquerda, que havia sido arrancada.

Uma equipe da polícia cobria o corpo de Anísio enquanto outra vasculhava o carro, via documentos, fazia fotos.

O capitão Coriolano conversava com Pedro, que dava evasivas: disse que estava trabalhando quando ouviu os tiros e não sabia se havia mais alguém dentro

da concessionária. Ele havia tentado falar com Monique pelo ramal, pouco depois dos tiros, antes da polícia chegar, mas ela não atendeu. Ele não sabia mesmo se ela ainda estava no prédio ou se tinha saído de alguma maneira. Ele estava confuso, com medo, mas relativamente tranquilo já que nada tinha a ver com aquilo, tinha sido só um espectador da terrível cena.

E contou como aconteceu: a batida dos carros, a discussão na calçada, o tiroteio inesperado. E que havia sido a coroa, a gorda, “é um travesti?”, quem atirou e matou o cara. “O gordo”.

...

Monique estava lá, escondida na oficina sem saber o que tinha acontecido. Quando fugiu, logo que ouviu o primeiro tiro, não levou o celular. Não sabia se ficava por lá mais um tempo ou se saía. Como se sentia segura ali, achou melhor ficar mais um pouco. E ficou.

...

Nem bem apanhou a avenida, lá embaixo, Beto viu o tumulto de carros e luzes e pedestres e ligou para Valéria.

– Oi.

– É o Beto. Aconteceu algo terrível na Sol Veículos, vai pra lá...

– Ahn?

– Quer dizer, vem pra cá! Vem pra cá, Valéria. Vem! Ela desligou e olhou assustada para Rafael.

– Aconteceu algo terrível na Sol Veículos. Você vem comigo?

E saíram, ela com a calça adidas e o suéter, sem se tocar que estava sem sutiã e o friozinho da madrugada a inchar seus bicos e aréolas.

...

Beto parou e assim que desceu do carro pôde ver Marta ser colocada algemada dentro da viatura da militar. Fez uma força para tentar reconhecer a gorda, mas não sabia quem era.

Foi chegando devagar à cena, até reconhecer Coriolano – e foi lhe falar, contornando com nojo e curiosidade o lençol branco que anunciava um presunto.

– Oi, capitão. O que houve aqui?

– É o que queremos saber, mas estamos no escuro.

– ...

– Parece que o dr. Lobo vai nos dar algumas respostas.

– O Lobo?

– É. Ele foi baleado nessa bagunça aqui, está no hospital, mas fora de risco...

– E quem está debaixo do lençol?

– Um enigma. A placa do carro é de Niterói, o carro é frio. Ele tem documentos com nome de Anísio mas não sabemos se são quentes. Ele atirou contra o Lobo e aquele traveco que foi levado, arrancou a orelha do traveco fora...

– ...

– O traveco tava procurando o brinco, disse que era lembrança da mãe.

– ...

– Esse mundo tá maluco, o diabo visitou a cidade hoje.

– Nem diga.

– Mas parece que foi o traveco quem apagou o figura aí.

Um investigador vinha com um pedaço de papel na mão. Era a lista dos nomes que deviam ser apagados.

...

Alguém irrompeu arfando, esbaforido, pela porta de entrada do Reduto. Algumas meninas já tinham ido dormir, outras estavam na sala com amigos, a Janice ainda no sofá, inconsolável.

– Teve um tiroteio. Quer dizer, outro tiroteio.

Todo mundo ficou ligado. A Janice pulou do sofá.

– A Marta...

Todo mundo pensou que ela tivesse morrido, por um instante.

– A Marta matou um cara.

Gritaria. Tumulto. Confusão.

Todo mundo queria saber mais detalhes.

O moço não tinha. Ele era taxista, amigo do Honório, conhecia algumas meninas, fazia alguns serviços de leva-e-trás para elas. O Honório havia ligado há pouco, dizendo que estava lá na ocorrência, no tal local, disse que foi tudo uma loucura.

– Vamos pra lá!

Depois de rápida conversa, acharam melhor não irem. Ligaram no celular da Marta, estava desligado.

– Se a Marta matou um cara provavelmente deve ser o cara que matou a Tata.

Ficaram em silêncio depois da consideração de Janice.

...

O fusca parou bem lá embaixo, na avenida. Valéria e Rafael tiveram que caminhar um bocado até chegar à cena do crime. Um policial militar tentou barrar a entrada deles, mas logo um delegado, o Lima, plantonista naquela noite, reconheceu o escrivão e mandou deixar seguir.

Foram ao encontro do Beto.

– Esse aqui é Rafael, escrivão, amigo do Assis...

– Ele me falou de você.

Deram as mãos.

– Assis, meus dois funcionários e agora esse homem aqui...

– ...

– Não vou dizer isso à polícia, mas só pode ter sido obra da Monique.

Rafael balançou a cabeça, afirmativo. Valéria ficou confusa.

– A Monique Kurtz? Será que não é coisa do marido dela? E... o que os seus funcionários têm a ver com essa história?

As informações secretas de cada um ali, se juntas,

decifrariam o mistério. As informações estavam todas juntas na cabeça danificada de Assis, lá no hospital. E, naquele local e momento, parecia que ninguém ia revelar nenhum tipo de segredo.

– Você não sabe de tudo, Valéria.

– ...

– Aliás, eu mesmo não estou entendendo muita coisa.

– Beto...

– ...

– Teve mais uma morte. Nós demos uma nota pequena no jornal...

– ...

– Um travesti, lá da baixada. Um tiro na cabeça, por volta de sete da noite.

– Puta que pariu!

– Achamos que fosse mais um caso de queima de arquivo, a gente sabe que aquela região é barra pesada.

– Valéria... Essa morte não só pode ter ligação como pode ser a resposta...

– ...

– Embora eu não tenha certeza se quero mesmo saber a resposta.

...

Foi a vez de Janice sair de fininho, subir as escadas, encontrar o quarto e colocar uma roupa discreta, apanhar algum dinheiro e deixar o Reduto.

Ela foi andando pela rua, passando por algumas meninas que faziam ponto nas esquinas.

“Tudo o que eu queria na vida era sair de casa, viver com meus amigos, com as meninas... Olha só o que tudo virou! Meus melhores amigos se meteram em encrencas – e eu nem para ajudá-los! O Tiago morreu, nem acredito ainda! O Assis e a Marta no hospital! A Tata! Nem sei mais se quero ficar aqui...”

Teve um pensamento rápido e fugaz de voltar para Goiânia, casar e ter filhos. Ou de montar uma dupla sertaneja.

...

Sem que os jornalistas ou o escrivão soubessem, três investigadores deixaram a tumultuada cena do crime. Eles haviam conversado sobre a lista encontrada, viram os nomes e acharam que a vida de Monique Kurtz corria perigo – se é que já não estava morta, àquela altura.

Muito rapidamente, levantaram o endereço dos Kurtz e foram para lá.

...

Dentro do quartinho escuro da oficina um rato passou pela perna torneada de Monique. Ela não se assustou: mirou bem o animal acuado num canto, visível pela claridade na fresta da porta, encolheu a perna e numa estocada só esmagou a cabeça do bicho com o salto agulha.

...

Rafael Galvão deixou Valéria e Beto ali, que discutiam como podiam fazer um texto rápido para incluir na edição que estaria nas ruas em poucas horas.

Andou por ali um pouco, falou com alguns colegas, recebeu olhares desconfiados de alguns PMs que controlavam o trânsito e curiosos.

Viu o pé do presunto que escapava do lençol. Viu a porta da concessionária.

“Esse cara queria entrar no prédio”.

Viu os dois carros batidos, que estavam estacionados na frente do Santana.

“O Lobo devia saber que o cara vinha pra cá, veio atrás”.

Olhou para cima, viu a placa luminosa com o logotipo da concessionária.

“O que o traveco fazia aqui?”.

Andou mais um pouco, tomou distância para olhar o quadro todo. Viu um rosto estranhamente familiar, um cara sentado numa mureta.

“Onde eu vi aquele sujeito?”.

Era um bom fisionomista, sabia que já tinha visto o homem antes. Mas estava cansado, com sono, não conseguia se lembrar. Chegou para um amigo investigador.

– Quem é o sujeito ali?

– Funcionário da empresa, estava trabalhando quando tudo aconteceu, viu a coisa toda.

– ...

– O Lima não quer que ninguém fale com o sujeito,

vamos levá-lo pra delegacia para saber se ele confessa algo que não disse.

– Certo.

Rafael conhecia os procedimentos. Não ia falar com o cara, mas queria se aproximar mais, dar uma boa olhada nele.

Foi andando calmo na direção de Pedro, que estava com a cabeça baixa. Rafael se aproximava e ele, lentamente, ia levantando a cabeça e, na mesma proporção do ato, o escrivão foi se lembrado de quando o tinha visto. Sim, ele viu esse sujeito um dia, ontem?, estava perdido no tempo, estava com sono, foi... Foi quando almoçava com Assis no restaurante da rodovia! Sim, o rapaz entrou e entregou alguma coisa a uma pessoa. Era ele, era esse cara, sem dúvida!

Passou ao largo de Pedro, que o acompanhou com o olhar. Foi até o portão de entrada e saída de veículos da concessionária. O portão não estava trancado.

Ele quase sorriu. Ela estava lá dentro!

“Monique sabia que o cara vinha lhe matar... Acionou o Lobo e pediu ao funcionário que ficasse de vigia. A coisa toda aconteceu e ela está lá dentro!”.

Foi falar com o delegado plantonista, o Lima.

...

A confusão agora era ainda maior na avenida, equipes de televisão chegaram, pessoal de rádio, de outros jornais.

– Vamos perder esse bonde se não arranjarmos

mais informações e não escrevermos algo em alguns minutos, Valéria.

– Não sei nem por onde começar.

– Eu vou pro jornal, vou começar a escrever algo. Qualquer novidade, você me liga.

Beto foi, Valéria ficou lá, perdida.

...

O pessoal da portaria do Moradas de São Sebastião interfonou para a casa dos Kurtz, mas ninguém atendeu.

Olharam nas anotações de entrada e havia o registro que Carlos tinha entrado.

Os policiais foram dar uma olhada.

...

Marta estava sentada em uma maca, algemada, vigiada por um policial militar grandalhão. Ficou surpresa quando viu Janice entrar no pronto-socorro.

...

– Pedro, vamos dar uma olhada aí no prédio.

– Mas...

– ...

– Não tem mais ninguém aí, eu fiquei lançando umas coisas no computador...

– Pedro...

– ...

– Nós vamos dar uma olhada aí. Você vai facilitar ou dificultar as coisas?

O delegado era direto e firme. Não houve jeito.

Entraram na concessionária, meia dúzia de homens, dois militares, Pedro e Lima, além de um curioso e observador Rafael Galvão.

...

O PM truculento que vigiava Marta não ligou que ela conversasse um pouco com a amiga.

– O que aconteceu, Marta?

– Não sei. Na verdade, não faço a mínima idéia. Acho que aquele cara... aquele cara que eu matei... era alguém mau. Mau mesmo.

– ...

– Eu queria encontrar o Carlos... o Carlos Kurtz. Achei que ele podia ter alguma coisa a ver com a morte da Tata, ou até mesmo com o tiro no Assis...

– ...

– Eu estava abalada, chamei o Honório para dar uma volta... De repente, batemos o carro e era o dr. Lobo quem estava dentro... E...

– ...

– Nem sei direito o que aconteceu depois. O homem atirou, eu atirei, foi um susto...

– Você tava com uma arma?

– É, estava. Eu...

Marta olhou para o policial, que acompanhava a conversa.

– Eu tenho essa arma há uns vinte anos. Atirei uma vez, numas árvores, um amigo ensinou.

– ...

– Mas não sabia que... Eu não sabia que ia matar alguém hoje.

Marta começou a chorar, mas não com escândalo, de leve.

– Quando ele atirou em mim, achei que fosse morrer. Sabe, eu não senti nada. Por uns centímetros não pegou na minha cabeça. Olha isso aqui...

Marta abriu a mão direita, era o lóbulo de sua orelha, com um brinco de pedra azul pendurado.

– É um pedaço da minha orelha.

Janice começou a chorar, escandalosa.

– Pára de chorar. Talvez tenha sido a melhor coisa que já fiz na vida.

– ...

– Se alguma justiça foi feita, estou contente. Nem que seja presa e apodreça na cadeia.

– ...

– Que diferença faz? Que diferença há entre estar na cadeia e aqui fora? Veja o que aconteceu ao Assis, à Tata...

– ...

– Na cadeia, Janice, a gente tá mais seguro.

E se abraçaram, como bichas sentimentais.

...

De armas em punhos, os investigadores tentavam olhar para dentro da casa dos Kurtz. Uma luz estava acesa, a TV parecia ligada, mas sem som.

Rodearam a casa, tentando não fazer barulho. Acharam melhor dar um aviso, antes que alguém lá dentro achasse que eram marginais lá fora.

– É a polícia, queremos conversar. Sabemos que estão aí, abram a porta.

Um dos homens da portaria acompanhava a ação, lá da calçada. Ele chamou o amigo pelo rádio.

– Acho que vão entrar, vão arrombar a porta.

– ...

– Liga pra alguém. Não sei se eles podem fazer isso.

Muito religioso, o amigo da portaria começou a orar.

– Liga pra alguém, eles vão arrombar a porta, será que são da polícia mesmo?

– Mas...

– ...

– Ligar pra quem, meu Deus do céu?

Um estouro, barulho de coisas quebrando, caindo no chão, luzes se acendem. Os investigadores encontram Carlos Kurtz. Ou melhor: o corpo frio e duro de Carlos Kurtz.

...

– Dr. Lima, está em QAP?

– QAP, QRV.

A equipe que encontrou Carlos comunicava o delegado. Rafael, ao lado, ouviu.

– Tem restos de cocaína para todo lado, acho que ninguém matou ele não. Tá com cara de overdose.

Dentro da concessionária, nem sinal de Monique.

...

O pessoal da impressão dormia em caixas de papelão abertas espalhadas pelo salão quando Beto chegou. A capa já havia sido rodada, com o mea-culpa de Beto. Ele apanhou um exemplar, leu e pensou o quanto estava fora de si quando escreveu aquela bobagem. Atirou o jornal longe.

– Fred, vamos rodar tudo de novo. Joga tudo isso fora, queima, picota, dá o fim.

– Vamos sair daqui quando o sol subir, mas teremos a melhor matéria sobre o inferno que tomou conta dessa cidade hoje.

– ...

– E vocês...

Um nó apertou a garganta de Beto. Ele ia dizer “E vocês são os melhores profissionais com quem já trabalhei, vocês são o espírito desse jornal, vocês são demais, vocês todos terão aumento...”. Mas pensou, num átimo, que não podia ter outro arroubo.

– E vocês vão receber cada centavo da hora extra de hoje.

E foi pro computador.

...

Plantada na calçada, a cabeça doendo, Valéria se sentia inútil, deslocada, sem saber o que fazer ou pensar.

Sentiu-se ridícula naquela roupa larga, com aqueles bicos marcando o suéter.

Aquilo não era vida para ela. Achou que não gostava do jornalismo, dessa coisa toda, de acompanhar todas essas mortes e de ocupar a cabeça com conjecturas sobre as pessoas. Também sentiu um pouco de náusea quando pensou em Assis, na história com Tiago Zanco, na mudança de sexo... “Meu Deus, o cara tava viajando com a família e, quando voltasse, ia botar buceta! Jesus!”.

Olhou aqueles giroflex todos ligados, aquele cara morto no chão... Não, ela não gostava de estar ali. Não gostava de trabalhar com isso, não tinha nada a ver com ela. Queria sair!

Ela gostava de viajar, de praia, de música, de sossego.

“Faz tanto tempo que não namoro, que não viajo, que não tomo um banho de mar”.

...

Os lados da oficina, na concessionária, eram muito escuros.

Os policiais já tinham desistido de encontrar alguém, eles falavam alto enquanto apontavam suas lanternas para debaixo de carros ou abriam portas dos banheiros apertados e fétidos.

Monique estava logo ali, num quartinho, atrás de uma estante cheia de peças usadas, peças de automóveis vindas do desmanche. Sabia que não seria encontrada.

Ela ouvia o barulho do lado de fora, ouvia algumas conversas e estava bem curiosa para saber o que tinha

acontecido, se alguém tinha morrido, se Pedro tinha dado com a língua nos dentes, se o delegado tinha matado Anísio... Ela estava excitada e desanimada ao mesmo tempo; queria sair dali, mas não sabia o que a esperava. Achava que realmente não podia ser relacionada aos crimes.

Foi quando ouviu... uma informação... que... fez com que suas idéias girassem. Seu marido estava morto. Foi um policial quem disse para outro.

– O dono, o dono aqui do negócio... capotou. Foi encontrado com o nariz cheio de pó, mortinho da silva!

Ficou triste num momento, mas logo em outro respirou fundo, levantou, abriu a porta do quartinho e foi saindo.

– Tou aqui.

...

– Beto, a Monique tava dentro da Sol.

– Caralho!

– Ela tava lá dentro, saiu algemada, foi levada para a delegacia. O Rafael, foi junto, pedi para ele te ligar, caso tenha mais alguma informação... Dei seu número para ele, ok?

– Tá.

– ...

– O deadline já foi, se não rodar esse jornal em vinte minutos não conseguimos botar na banca amanhã.

– Outra coisa...

- O Carlos Kurtz morreu.
- Porra!
- Mas parece que não foi morto, foi overdose.
- Como é que vou ordenar tudo isso?
- Não sei, mas é o que temos...
- Tem mais alguma coisa que eu não saiba, Valéria?
- Bom...

– ...

- Não sei se devia falar isso...

– ...

- Mas o Assis ia se casar com o Tiago Zanco.

- O quê?

- É isso, o Assis e o Tiago iam assumir a relação.

Ela achou a frase estranha, era como se falasse de dois amigos seus, de vinte anos, e não de dois senhores.

– Sabe aquele coreano, aquele que disse que foi assaltado por policiais? Ele é um dos maiores especialistas no mundo em mudança de sexo, veio para operar Tiago...

– ...

– Tudo isso, mais o desmanche, mais a travesti morta e a outra que matou o cara... tudo isso tem que ter alguma relação, mas não sei qual...

– ...

– E não quero pensar nisso. Beto... jornalismo não é pra mim, vou embora, cansei dessa merda.

Desligou o telefone, atirou-o longe e foi pro Fuscão.

...

Três advogados de barba feita e ternos bem corta-

dos chegaram à delegacia em menos de meia hora. Nem parecia que eles tinham acordado no meio da madrugada, já passava das três da manhã.

Não havia nada de concreto contra Monique, ela não foi indiciada. Ela só tinha ficado assustada com o barulho, com os tiros. Ela estava trabalhando com Pedro, foi se esconder e pediu para que o funcionário não revelasse que ela estava lá. Tudo por pura confusão e medo.

Ela havia falado com o dr. Lobo naquela tarde, ele parecia ter motivos para suspeitar que a vida dela corria risco. Talvez seu marido, o Carlos, estivesse com mais problemas do que ela suspeitava, com drogas e travestis e o desmanche que ela nem sabia que existia...

Talvez o marido tivesse se arrependido, por isso se enfiou na cocaína até morrer...

Não foi isso que aconteceu?

Foi isso que Rafael Galvão contou ao Beto, por telefone, sem muita convicção. Foi isso que Beto escreveu correndo, jogando toda a culpa em Carlos Kurtz: pelas mortes, pelo atentado a Assis, pelo desmanche, pela contratação do assassino.

Carlos virou o que podemos chamar de “cadáver útil”.

...

Rafael sentou no sofá, ligou o disco baixinho e considerou se tomava um banho e se arrumava para sair pro trabalho ou se... deitava na cama, desligava o telefone e dormia um sono dos justos.

Em todo esse tempo como escrivão ele nunca tinha

cometido uma falta inconseqüente. Nunca. Nem quando foi ao show do Paul McCartney.

Mas, porra, para tudo havia uma primeira vez, não?

...

A edição do jornal se esgotou em poucos minutos e Beto mandou rodar mais para distribuir, por volta de dez da manhã.

A matéria não tinha fotos nem a assinatura da Valéria – ele assinou sozinho!

Quando ela acordou, bateu o olho no jornal que a mãe lia e disse baixinho: “Bobagem”.

E foi pro banho.

...

– Viu, Janice, eu não estava enganada.

Levaram o jornal para Marta ler.

...

Os corpos de Tata e de Carlos Kurtz eram preparados para o velório.

Monique ligou na funerária e pediu para que caprichassem bem na aparência do marido.

Ela não ia ao velório. Por volta do meio-dia, foi para a concessionária.

...

Rafael acordou por volta de meio-dia com uma sensação estranha.

De repente teve uma vontade de voltar para a Bahia, passar um tempo na beira da praia, trabalhar em algo bobo como uma livraria ou um restaurante, poder tomar uma cerveja e comer alguns camarões no final da tarde.

Ele queria mesmo era sair daquele pardieiro, do meio daquele povo fedido e ignorante.

...

O ramal da oficina tocou.

– O Pedro tai?

– Ela não chegou ainda, dona Monique.

– Quem tá falando?

– É o Aníbal.

– Aníbal, vem aqui na minha sala...

– Tá.

– E traz o lubrificante.

...

Beto ligou no hospital para saber como estava Assis e teve informações positivas, ele estava reagindo bem, era forte e saudável, em alguns meses podia estar de volta, talvez sem seqüelas.

Ele respirou fundo, cansado como só: não havia pregado os olhos.

Olhou de novo para a capa do jornal. “Tudo o que o povo quer é uma boa história; que besteira eu ia fazer!”.

O que ele não sabia era que o Fred tinha guardado uns exemplares da capa original, com o texto confes-

sional do patrão, e ia mandar entregar, anonimamente, para a polícia e para a mulher do Beto.

– Filho duma puta mão de vaca do caralho!

...

Marta ia puxar uns meses na cadeia, mas a pena não seria grande já que o crime foi classificado como “legítima defesa”. Ela conseguiu uma cela com outras travecas e deixou o Reduto nas mãos de Janice, que decidiu não voltar para Goiânia.

– Cidade quente, com buceta demais!

Foi fazer uma visita a Geraldo Assis.

...

– Rafael, é a Valéria, tudo bem?

– Oi, tudo bem.

– Saí do jornal, pedi a conta.

– Apois.

– Não tou a fim daquela maluquice, sabe?

– Sei.

– Eu tou com a tua roupa, preciso te devolver.

– Não fui trabalhar, tou em casa...

– Ué?

– Também não tou a fim daquela maluquice, sabe?

– Sei.

Riram.

– Passo aí no fim da tarde, pode ser?

– Ok, vou ficar o dia todo aqui...

– ...

– Tenho umas coisas para arrumar aqui...

– Já sei...

E os dois falaram juntos: “Beatles”.

...

Janice estava sentada na cadeira, com as pernas cruzadas, ao lado do leito de Assis. Ela levou rosas vermelhas cheirosas, que estavam na mesinha da cabeceira.

Janice estava bonita, também cheirosa.

Assis parecia bem. Mas os médicos disseram que não havia nenhuma previsão para alta. O jornalista estava respondendo bem à medicação inicial e estava completamente fora de perigo, mas continuava dopado.

Ela fez uma prece. Primeiro para Assis, depois para Tiago.

La levantando os olhos, se preparando para dar um beijo na testa dele quando reparou em... algo estranho... um... volume no lençol sobre o corpo.

Assis estava tendo uma ereção!

Ela olhou o lençol subindo devagar. Estranhou aquilo a princípio, mas ora, era isso mesmo: ele estava ficando com o pau duro!

Olhou para a porta, checkou as horas no relógio de pulso, ainda havia uns cinco minutos antes do fim da visita.

Fez uma cara de idéia.

Apanhou a cadeira e a colocou com as costas para

a porta. Sentou na cadeira e levantou uma parte do lençol. Pôde ver que Assis estava com uma cueca samba-canção azul clara, bem folgada, o pauzão ali, inchado.

Levou a mão e pegou com gosto, começou a manipular.

Olhou de novo para a porta, sentindo-se segura.

Abaixou um pouco e enfiou o pau na boca.

Chupou rápido e ele gozou igualmente.

Era como se ela tivesse feito um grande favor a um grande amigo.

Engoliu aquilo e saiu rápido. À uma e meia o Jackson ia passar lá no Reduto para uma chupada.

...

Com uma camiseta cavada, bermuda e chinelos havaianas, Rafael Galvão entrou na padaria. Estava com fome, não tinha comido nada desde o miojo da noite anterior.

Conversou um pouco com o padeiro, o seu Maneco. Queria um sanduíche com muito queijo, presunto, maionese e pimenta-biquinho. “Muita biquinho, seu Maneco”. Era o X-Rafa.

Estalou a língua na boca, como quem procura o sabor do que vai consumir. “Hoje, com o X-Rafa, vai uma Caracu bem gelada!”.

– Desce uma Caracu, seu Maneco.

– Ué, não vai trabalhar hoje, Rafa?

– Rapaz...

– ...

– Não tou mais querendo isso de trabalhar não.
E os dois riram.

...

Acabado o almoço, Valéria pediu para que o pai e a mãe ficassem à mesa, queria falar com eles.

Contou que talvez a faculdade de jornalismo tivesse sido um engano. “É um serviço geralmente besta e, em alguns momentos, perigoso... Veja o que aconteceu ao Assis ou a matança toda que a cidade viu ontem!”.

– Filha, eu disse desde o início: jornalismo é pra gente sem opção.

– ...

– Você pode trabalhar comigo na firma, pode fazer um outro curso ou... pode até ficar um tempo sem trabalhar, para colocar as idéias em ordem.

– É, pai. Eu vou precisar de um tempo depois desses dias...

Ela olhou bem para o pai e para a mãe e, puxa, eram os melhores pais do mundo. Eles sempre ficaram ao seu lado, sempre a apoiaram em tudo. Nunca perguntavam muito, não ficavam em cima, não a sufocavam.

– Me sinto muito aliviada em ter falado com vocês...

– ...

– Eu amo vocês.

Levantou e abraçou e beijou os dois – o beijo mais sincero e afetuoso que pode existir.

...

Jackson segurou firme a cabeça da Janice – que engolia todo o pau do menino enquanto ele gozava.

Assim que tirou o pau da boca, ela cuspiu a porra toda – o moleque tinha gozado um litro.

Ela limpou a boca com a costa da mão, olhou pra ele e sorriu.

Ele olhou bem nos olhos dela e mandou:

– Janice, eu te amo!

...

O som estava alto, então Rafael correu para baixar, ao ouvir o interfone.

– Sobe.

– Ok.

Ele olhou em volta para ter a certeza que estava tudo no lugar.

A campainha tocou e ele abriu e lá estava ela num traje tão inusitado quando o seu: roupa de ginástica, shortinho pequeno e colado, camiseta também cavada, tênis com meia.

Não conseguiu esconder o susto-espanto.

– Vou pra academia, vou correr um pouco, suar.

– Entra.

Ela entrou. Tinha a calça e o suéter emprestados dobrados no braço, colocou a roupa no sofá e sentou. Rafael puxou uma cadeira.

– Você leu o jornal?

– Não, eu não sei daqui, só fui até a padaria comer um sanduíche...

– O Beto só escreveu merda.

– Imaginei.

– Talvez a gente só fique sabendo mesmo o que aconteceu depois que o Assis sair do hospital.

– É, mas acho que não estarei aqui esperando por ele.

Fez cara de mistério, ela se interessou.

– Por quê?

– Ah, sei lá. Eu sempre fui muito certinho, sabe? Sempre quis uma carreira e ser polícia me dava uma certa segurança... Mas acabei vindo parar nesta merda de cidade, nesta merda de apartamento, agora meu contrato de aluguel tá vencendo, eu posso pedir um afastamento de um ano sem vencimentos, acho que vou pra Bahia...

Ela fez cara de “ah, é?”, ele de “pois é!”.

– Quer ir comigo?

O convite pulou da boca dele, para espanto dos dois.

– Como assim?

– Ué...

– ...

– Você disse que deixou o jornal, deve estar sem emprego...

– ...

– Vamos pra Bahia, a gente racha um aluguel, procuramos algo pra trabalhar, passamos um tempo por lá.

– Que interessante!

Ele teve a certeza de que ela realmente achou isso.

– Aliás...

– ...

– Acho que consigo um aluguel baratinho, de frente para a praia. Minha família tem umas casas por ali.

Ela ergueu a sobrancelha.

Ele achou que estava meio quente ali, levantou e abriu as cortinas da sacada, entrou um vento fresco de fim de tarde.

– Rafael...

– ...

– O Assis me contou que você tinha ficado a fim de mim.

Ele ficou sem jeito.

– Ontem...

Ela ia continuar, mas achou que talvez não fosse o melhor momento. Ela estava há muito tempo sem beijar, sem transar e se sentia tão bem, tão viva naquele momento que podia mesmo dizer e, quem sabe, até transar com aquele gordinho de sotaque engraçado e hábitos paranóicos.

Mas considerou que ele pudesse achá-la muito rápida, muito direta. Ela estava molhadinha, quase conseguia visualizar Rafael nu, com o pau duro. Não era uma grande visão, não para os padrões estéticos dela – mas ela realmente tinha simpatizado com ele, e não por razões físicas.

Desviou o assunto.

– Ontem... Você acha que foi a Monique quem armou toda aquela matança?

Ele percebeu que não era isso que ela ia dizer.

– Não tenho nenhuma dúvida que foi ela e também tenho certeza que mais cedo ou mais tarde ela vai dançar...

– ...

– Essa mulher tem muito poder, um poder sexual com o qual ela domina todos os homens poderosos dessa cidade.

– ...

– Poucas vezes aparece uma mulher tão exuberante e forte como essa Monique.

– E você?

– ?

– Também tem tesão por ela?

A palavra “tesão” apareceu com uma eletricidade no ar. Rafael achou que devia faturar com a desinibição da moça.

– Não tenho nenhum tesão por ela. Não gosto de mulheres dominadoras assim... Gosto de mulheres normais, simples, que gostam das coisas simples e não ficam medindo poder com os homens.

– ...

– Gosto de mulheres que não se importam de pedir ajuda quando precisam ou de usar uma calça de agasalho e um suéter surrado ou de comer com fúria um simples miojo feito às pressas.

Ela riu. Havia uma cumplicidade na gargalhada. Rafael foi se aproximando.

– Gosto de garotas que se enchem do jornalismo, desse mundo de holofotes e fama e consideram seriamente passar um ano na Bahia, sem fazer nada, apenas respirando, passeando, conhecendo lugares novos...

Ele chegou perto, ajoelhou na frente da garota e a beijou. Foi um beijo breve.

– Ontem à noite...

– ...

– Quando eu vim até aqui...

– ...

– Eu ia... dar pra você.

...

Na hora mágica, o sol se punha vermelho na janela do quarto de hospital do dr. Lobo. Ele estava com o pescoço e tórax enfaixados.

Uma enfermeira entrou com um belo buquê de flores do campo. E um cartão.

“Querido,

Você foi ótimo ontem. Sinto sua falta.

Carlos morreu, herdei tudo.

Da sua,

Monique”

Ele deu um sorrisinho de canto de boca.

...

No Morro do Lírio, dor e sofrimento pela perda de Anísio: homem que colaborava com a comunidade, grande pai, grande esposo.

...

O vento entrava gostoso pela janela, fazendo as cortinas voarem. Ele e ela estavam deitados, nus, olhando para o teto.

– Ei, você é bom nisso.

Ele sorriu.

No som, “Strawberry Fields Forever”.

– Valéria...

– ...

– Pode ser uma bobeira só...

– ...

– Mas eu nunca quis me juntar com alguém, sabe?

– Sei.

– Mas eu acho que com você a coisa pode funcionar.

– Hahahaha.

– Tou falando sério.

– Vamos fazer um laboratório.

Ele se virou, beijou os lábios dela, desceu, beijou o pescoço e o colo e os peitos demoradamente. Desceu para o umbigo, passou a língua pelos pêlos e ela se abriu.

Ele olhou.

Ficou olhando com uma atenção especial.

Que bucinha rosada, que coisa linda! Quase ficou emocionado.

Estava ali o que ele chamava de “uma buceta decente”.

– O que você está olhando aí?

– Sei lá, é que... é tão bonita.

– ...

– É tão bem feita, tão rosada, tão cheirosa, tão...
Passou a língua devagar, de maneira carinhosa.

– É isso, uma bucinha tão bonita, quente e linda
que faz o mundo girar. É isso que faz tudo acontecer.

– ...

– Não é o dinheiro ou o poder ou a fama...

– ...

– Acho que não é nem o sentimento ou o amor...

– ...

– É só uma bucinha linda e doce como a sua.

– ...

– Que faz o mundo girar.

Deu alguns beijos nela e começou a chupar,
enquanto ela tinha espasmos de prazer.

– Rafael...

– ...

– Será que tudo vai ficar bem? Precisamos de
dinheiro e...

Ele a interrompeu.

– Não vamos pensar nisso agora.

– ...

– A gente sabe que a vida não é cor-de-rosa, certo?

Pela porta da sacada dava para ver o céu rosado
de fim de primavera.

Epílogo

O Capitão Coriolano sentou na escrivaninha com cópias das matérias dos jornais sobre os acontecimentos sangrentos dos dias anteriores e tentou achar conexão com o assalto do coreano. E nada!

Estava prestes a entrar em contato com a corregedoria, pedir uma investigação a fundo do suposto assalto ao coreano, quando o telefone tocou.

– Capitão, não vou dizer meu nome, mas sou de alta patente na polícia.

– ...

– Me chame de “Olho”.

– Isso é alguma brincadeira?

Ele estava exaltado. Que coisa era aquela? Que coisa sinistra!

– Capitão, houve uma grande mobilização de altos setores da polícia para roubar o equipamento de Nim Assud...

– ...

– Tem muita gente na corporação querendo fazer operação de sexo.

– O quê?

A voz confirmava que policiais militares estavam por trás do roubo dos equipamentos do coreano. Será que o tal “Olho” estava certo?

– Claro, capitão.

– ...

– A polícia aceita homens e mulheres, mas não homossexuais.

– ...

– Então temos homens querendo virar mulher para continuar na polícia.

– Ora, que história!

O Capitão Coriolano tinha certeza de que estava participando involuntariamente de alguma brincadeira.

– Não tem brincadeira aqui, capitão. Só temos mesmo é um romance verde-oliva onde vale mais o amor pela farda do que o amor convencional de paus e bucetas e homens que querem ser mulher e de mulheres que juram ser homens.

– ...

– Nós roubamos o material do coreano e, agora, vamos cortar paus e meter um monte de buceta no lugar!

– ...

– Como nós sabemos que o senhor é mais chegado em buceta que em pau, vou providenciar algumas para o senhor!

O Capitão engoliu seco, assustado com o tom de comando, a voz segura.

– Mas...

– Capitão, fique na sua e esqueça essa ocorrência.
Ou você vai se arrepender!

E desligou o telefone.

O Capitão Coriolano, mais de vinte anos na polícia, tendo visto de tudo nesta vida, deixou que um pensamento estimulado pela conversa, tomasse conta de sua mente: ficou até animado com idéia de cortar o pirulito fora e botar uma buceta.

“Se for assim tão fácil, acho que pode bem ser divertido levar umas estocadas”.

Se sua filha Jéssica, de 14 anos, pudesse ler esse seu pensamento, diria que o pai virou uma pervertida suja!

Como, afinal, são os policiais militares.

“Leitor, prepare-se para mergulhar nesse mundo promíscuo, cínico, corrupto, às vezes nojento mas também incrivelmente ingênuo que é o do Brasil do interior. Não o Brasil rural: mas o Brasil das médias cidades, aquelas em que todos se conhecem de vista. Ou, ao menos, imaginam se conhecer.”

Pedro Doria, na apresentação